

Centro Federal de Educação Tecnológicas de Minas Gerais – Campus Curvelo
Curso de Pós-graduação de Ciências Humanas e Linguagens

Tatiane Corrêa Gonçalves

**A INFLUÊNCIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DOS CLÁSSICOS
LITERÁRIOS NA FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO FUNDAMENTAL II:
uma vivência em sala de aula**

Curvelo - MG
Abril/2025

Tatiane Corrêa Gonçalves

**A INFLUÊNCIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DOS CLÁSSICOS
LITERÁRIOS NA FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO FUNDAMENTAL II:
uma vivência em sala de aula**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-graduação de Ciências Humanas e Linguagens- Centro Federal de Educação Tecnológicas de Minas Gerais – CEFET Campus Curvelo, como requisito para obtenção do grau de pós-graduação em Linguagens e Humanidades.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Marina Leite Gonçalves

Curvelo - MG
Abril/2025

Gonçalves, Tatiane Corrêa.
G635i A influência das histórias em quadrinhos dos clássicos literários na formação de leitores no ensino fundamental II: uma vivência em sala de aula / Tatiane Corrêa Gonçalves. – 2025.
86 f. : il.
Orientadora: Marina Leite Gonçalves.

Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino de Ciências Humanas e Linguagens, Curvelo, 2025.
Bibliografia.

1. Histórias em quadrinhos. 2. Cânones da literatura 3. Literatura brasileira. 4. Leitores - Formação. I. Gonçalves, Marina Leite. II. Título.

CDU: 741:82



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
Campus Curvelo
Rua Raymundo Mattoso, 300, Bairro Santa Rita, Curvelo - MG.
CEP: 35.250-629 - Tel: (38) 3729-3903

TATIANE CORRÊA GONÇALVES

A INFLUÊNCIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DOS CLÁSSICOS LITERÁRIOS NA
FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO FUNDAMENTAL II: uma vivência em sala de aula

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino de Ciências Humanas e Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, Campus Curvelo, em 24 de abril de 2025 como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Ciências Humanas e Linguagens, aprovada pela Comissão Examinadora de Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso constituída pelos(as) professores(as):

Marina Leite Gonçalves

Prof.^a Dr.^a Marina Leite Gonçalves Orientador(a)
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Fausto José de Oliveira

Prof.^a Dr.^a Cleide Maria de Oliveira Leven Canchumani
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Sinay Santos Silva de Araújo

Prof.^a Ms.^a Sinay Santos Silva de Araújo
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ensino de Ciências Humanas e Linguagens
Departamento de Formação Geral
CEFET-MG – Campus Curvelo

Curvelo - MG
Abril/2025

Dedico este trabalho de conclusão de curso primeiramente a Deus por ser essencial em minha vida; a meu marido, Marcos Vinícios (carinhosamente Kiko), pelo apoio e compreensão constantes; aos meus pais e familiares, que sempre me incentivaram e motivaram, à minha orientadora e professores por todo conhecimento compartilhado.

AGRADECIMENTOS

Acreditar e ter fé são fundamentais na nossa vida. Estudar é como construir pontes para o futuro dos nossos sonhos. Por meio do conhecimento, temos em nossas mãos todas as ferramentas de que precisamos para fazer o nosso próprio destino. Basta crermos que a força da vitória existe dentro de nós e que o céu se tornará o limite diante dos nossos sonhos.

Cada aula, cada página virada, representa um passo em direção a um horizonte vasto de oportunidades. Os desafios vão surgir para apresentar a verdadeira força do conhecimento, capaz de mudar vidas e nos aproximar cada vez mais do sucesso.

Agradeço ao Deus que esteve presente comigo, principalmente nos momentos mais difíceis dessa caminhada, capacitando-me e guiando os meus passos até a tão sonhada vitória.

Agradeço aos meus pais, Dálson e Tânia, por terem estado sempre ao meu lado em cada luta e, principalmente, por terem acreditado em mim. Agradeço aos meus irmãos que torceram por mim e aos meus sobrinhos Miguel, Laura e Aysha que são a alegria da minha vida.

Agradeço em especial, ao meu marido, Marcos Vinícios (Kiko), por acreditar nas minhas capacidades, por ser meu suporte, meu amor, meu alicerce, por ter sofrido comigo, por ter cansado comigo, por ter estado ao meu lado em todos os momentos e ter suportado muitas vezes minha ausência.

Agradeço à minha amiga Suerlane Aparecida Ferreira Moreira, pelos ensinamentos, orientações e paciência. Sou grata pela sua amizade, por ter me proporcionado oportunidades que me fizeram acreditar que diante de nossas ações podemos mudar o mundo ao nosso redor.

Em especial, agradeço à minha orientadora Dr^a Marina Leite Gonçalves pela paciência, sabedoria, dedicação, pelas valiosas sugestões e a constante disponibilidade para me auxiliar na superação dos desafios encontrados, ajudando-me a refinar meu pensamento crítico e a desenvolver esta pesquisa. Gratidão.

Aos demais familiares, amigos, professores e colegas, agradeço pelo apoio e orações, pois essa vitória não é só minha, mas de todos vocês, por isso dedico a cada um que fez parte dessa caminhada este momento tão especial na minha vida.

Sonhar o sonho impossível,
Sofrer a angústia implacável,
Pisar onde os bravos não ousam,
Reparar o mal irreparável,
Amar um amor casto à distância,
Enfrentar o inimigo invencível,
Tentar quando as forças se esvaem,
Alcançar a estrela inatingível:
Essa é a minha busca.

(Dom Quixote – Miguel de Cervantes)

RESUMO

O foco do presente estudo é a influência das histórias em quadrinhos dos clássicos literários na formação de leitores no ensino fundamental II: uma vivência em sala de aula; e as possibilidades de incentivo de sua leitura. Entende-se que nas aulas de Língua Portuguesa, muito além de estudos linguísticos, os alunos do ensino fundamental básico devem aprender a ler, interpretar, produzir e reconhecer textos literários. Porém, em muitos casos, são exigidas leituras cansativas ou incompreensíveis, segundo os alunos. Para incitar a leitura, a imaginação e ampliar o conhecimento dos estudantes, várias obras clássicas têm sido republicadas em forma de quadrinhos ou reescritas com uma linguagem atual. É o caso do romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, que foi publicado como história em quadrinhos por Rodrigo Rosa e Ivan Jaf; de *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, que virou versão adaptada em quadrinhos e foi publicada por Maria Sônia Barbosa e Sebastião Seabra; bem como de *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes, que foi adaptado por Philippe Chanoinat e Dijan, David Pellet, dentre várias outras obras adaptadas. A escolha do tema se deu pelo interesse em descobrir como os alunos e professores podem se relacionar com esses novos clássicos e como o professor de língua portuguesa pode utilizá-los em sua prática com os objetivos de motivar, instigar, ampliar o conhecimento dos alunos e fazê-los conhecer os clássicos de forma atrativa, atual e divertida. A pesquisa tem caráter bibliográfico, qualitativo e exploratório, resultante de um levantamento de projeto de leitura que utilizou os quadrinhos na formação de leitores e objetiva refletir sobre a prática de leitura no ensino fundamental II, utilizando as Histórias em Quadrinhos (HQs) como recurso pedagógico no processo de formação do leitor. Essa pesquisa confirma a hipótese de que a história em quadrinhos é um recurso muito eficiente como incentivo à leitura, além de um importante auxiliar no ensino, contribuindo para a formação de leitores mais competentes e críticos.

Por se tratar de um tema importante para o desenvolvimento dos estudantes e também professores, foi essencial analisar as teorias de alguns estudiosos em relação a prática de utilização das HQs na unidade de ensino, principalmente, o modo como é utilizada, visto que o trabalho com gêneros textuais, em especial o gênero Histórias em Quadrinhos, pode auxiliar os docentes, direcionando as práticas pedagógicas com vistas à formação de leitores mais críticos, autônomos e mais proficientes.

Palavras-chave: Clássicos literários; Adaptações; Formação de leitor; Histórias em Quadrinhos.

ABSTRACT

The focus of this study is the influence of comic books of literary classics on the formation of readers in elementary school II: a classroom experience; and the possibilities of encouraging their reading. It is understood that in Portuguese language classes, much more than linguistic studies, elementary school students must learn to read, interpret, produce and recognize literary texts. However, in many cases, readings are required that are tiring or incomprehensible, according to the students. To encourage reading, imagination and to expand students' knowledge, several classic works have been republished in comic book form or rewritten in modern language. This is the case of the novel *O Cortiço*, by Aluísio Azevedo, which was published as a comic book by Rodrigo Rosa and Ivan Jaf; of *A Moreninha*, by Joaquim Manuel de Macedo, which was adapted into a comic book and published by Maria Sônia Barbosa and Sebastião Seabra; as well as *Don Quixote* by Miguel de Cervantes, which was adapted by Philippe Chanoinat and Dijan, David Pellet, among several other adapted works. The choice of the theme was due to the interest in discovering how students and teachers can relate to these new classics and how Portuguese language teachers can use them in their practice with the objectives of motivating, instigating, expanding students' knowledge and making them familiar with the classics in an attractive, current and fun way. The research has a bibliographic, qualitative and exploratory nature, resulting from a survey of a reading project that used comics in the formation of readers and aims to reflect on the practice of reading in elementary school II, using comic books (HQs) as a pedagogical resource in the process of reader formation. This research confirms the hypothesis that comic books are a very efficient resource as an incentive to reading, in addition to being an important teaching aid, contributing to the formation of more competent and critical readers. Since this is an important topic for the development of students and teachers, it is essential to analyze the theories of some scholars regarding the practice of using comics in the teaching unit, especially the way in which they are used, since working with textual genres, especially the comic book genre, can help teachers, directing pedagogical practices with a view to developing more critical, autonomous and proficient readers.

Keywords: Literay Classics; Adaptations; Reader training; Comics

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 GÊNEROS TEXTUAIS	15
2.1 Gêneros orais, escritos, primários, secundários e digitais	18
2.2 Características dos gêneros textuais	21
3 VERSÕES ADAPTADAS EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQs) DE CLÁSSICOS DA LITERATURA	24
3.1 Adaptações em histórias em quadrinhos	24
3.2 Contexto histórico das HQs no mundo	26
3.3 Contexto histórico das HQs no Brasil	28
3.4 A utilização de adaptações de livros clássicos em sala de aula	29
4 LETRAMENTO LITERÁRIO NA FORMAÇÃO DO LEITOR	36
4.1 Conceito de letramento e leitura literária	36
4.2 A influência das Histórias em Quadrinhos na formação do leitor	44
5 RELATO DE EXPERIÊNCIA	49
6-CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICE A: Questionário	66
APÊNDICE B: HQs produzidas pelos alunos	79

1- INTRODUÇÃO

A literatura já foi tão sobrevalorizada que chegou mesmo a ser considerada como símbolo de poder cultural. Hoje, no Brasil, todo cidadão possui o direito e dever de frequentar a escola, apropriando-se ali de conhecimentos (Brasil, 2018). No que diz respeito ao campo literário, a maioria dos alunos tem contato com obras mundiais e nacionais, muitas delas, consideradas obras clássicas, além de escolas literárias e, também, da história da literatura em seus diversos contextos. Essas histórias, muitas vezes, são vistas como narrativas cansativas e complexas pelos alunos, principalmente para os estudantes do Fundamental II e do Ensino Médio, os quais se veem obrigados a lerem os clássicos por conta dos vestibulares e ou exigência dos professores. Sabe-se que assim como a língua evolui (Bagno, 2007), a estilística, a forma de narrar e os gêneros textuais também recebem mudanças. Dessa forma, os alunos procuram obras que estão mais perto da sua cultura atual; e já que são impostas leituras de alguns clássicos que não estão de acordo com a sua geração, por que não os adaptar?

A experiência e vivência, bem como o letramento literário acontecem por meio do contato com o texto fictício, resultando numa apropriação da literatura, conforme salienta Cosson (2014). Neste aspecto, não se pode descartar nenhum tipo de leitura ou suporte para fazer com que o aluno chegue até o texto literário. Dentre essas variedades de leitura, estão as Histórias em Quadrinhos, encontradas, predominantemente, em gibis. Como exemplo, temos os gibis de Mauricio de Sousa, o criador da *Turma da Mônica* e Ziraldo, criador de *O Menino Maluquinho*, a *Turma do Pererê*, dentre outros. Silva (2011) aponta que as Histórias em quadrinhos surgiram no século XIX e que estavam inseridas no cenário dominado pelo capitalismo, firmando-se assim como um modelo de produção cultural imperante que pretendia se tornar um “bem de consumo” de uma significativa parcela de leitores: a cultura popular, ou seja, “a cultura de massa”. Isso porque antes somente a classe alta tinha acesso à educação e à cultura. Ainda conforme estudos de Silva (2011), as histórias em quadrinhos cresceram espantosamente, tornando-se assim um sucesso por todo mundo, o que ajudou a corroborar o seu uso frequente entre crianças, jovens e adultos, principalmente com o aparecimento de super-heróis como personagens, o que determinou o início da chamada era dourada dos gibis. Silva (2011, p.2) observa que as HQs representam uma ferramenta de incentivo à leitura, pois até mesmo pessoas não adeptas “à leitura de obras densas, são leitores de gibis”, por sua característica descontraída, sua narrativa “linear e sua linguagem clara e objetiva.”

Sob o ponto de vista de Leila R. Iannone e Roberto A. Iannone (1994), as Histórias em Quadrinhos levam os leitores a se interessarem e apreciarem mais a leitura. Elas também são instrumentos preciosos para despertar a imaginação e aguçar a criatividade do público infanto-juvenil. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Fogaça (2003) aponta que as HQs são conhecidas como um tipo de “literatura” que muito contribui para o processo de formação de leitores, pois sua linguagem objetiva e simples, verbal e não-verbal faz com que as crianças e jovens não se sintam fatigados como acontece, na maioria das vezes, nas leituras clássicas exigidas pelo professor. Dessa forma, as HQs conseguem adaptar-se ao grau intelectual e interesse dos leitores, tornando-se desse modo uma ferramenta eficaz, capaz de instigar o gosto pela leitura, pois “a leitura pode e deve ser um prazer” (Fogaça, 2003, p.130).

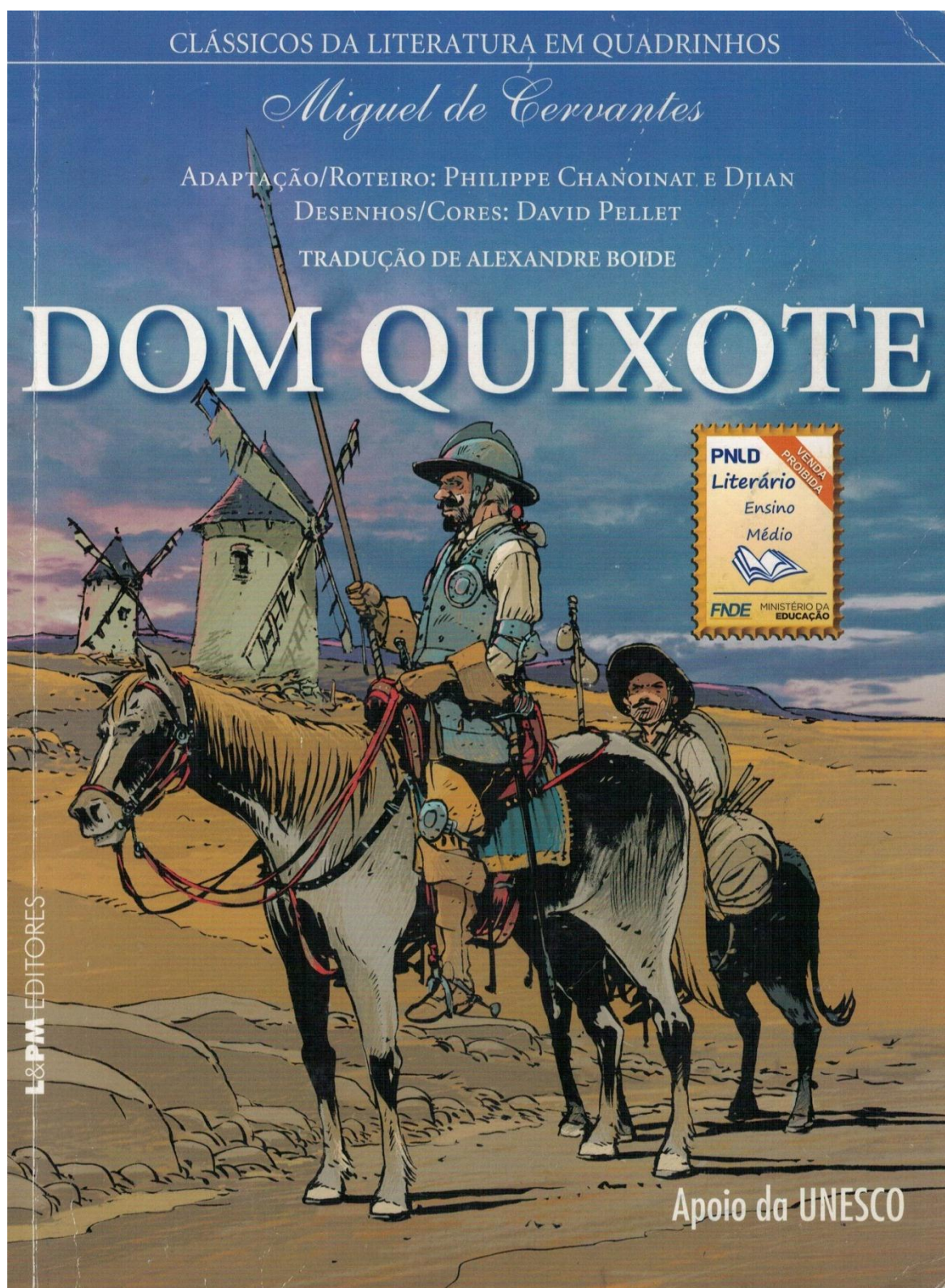
O que atualmente se tem visto nas escolas são alunos que leem pouco, porque não se sentem motivados e, sim, obrigados à leitura normatizada. Podemos dizer que o aluno experimenta a sensação de estranhamento que traz o texto literário, podendo ser pelo uso incomum de linguagem das obras clássicas ou pela visão de contextos diferentes.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo principal discorrer sobre as adaptações das obras clássicas para o gênero História em Quadrinhos, defendendo que elas podem influenciar a formação de leitores literários. Visa também como objetivos específicos: I - Apresentar a diversidade de gêneros que estão abrigados no gênero história em quadrinhos; II - Desenvolver atividades, utilizando a leitura e escrita dirigida de HQs e tirinhas, considerando sua multimodalidade; III - Verificar e refletir em que medida a utilização dos quadrinhos podem contribuir para o desenvolvimento das práticas de leitura e escrita nas aulas de literatura; IV - Despertar o interesse pela leitura e escrita de quadrinhos.

Para justificativa do desenvolvimento desse estudo, primeiramente, valorizamos o prazer pela leitura literária e o desejo de aprofundar mais sobre o tema a ser trabalhado. Utilizamos como referencial teórico autores que abordaram o assunto em discussão e possibilitaram à pesquisadora se apropriar melhor das discussões atuais. Desse modo, Marcuschi (2002), Vergueiro (2005;2017), Cosson (2014;2022), Hutcheon (2013), Pina (2014) foram fortes referenciais teóricos de pesquisa. Para metodologia deste trabalho usamos a técnica da pesquisa bibliográfica para conhecimento mais aprofundado de gêneros textuais, teorias da adaptação, letramento literário e letramentos múltiplos, e do gênero textual história em quadrinhos. Movida pelo compromisso de narrar a experiência docente em sala de aula também adotamos a técnica da observação e experientiação do trabalho com as adaptações dos clássicos literários em HQs em sala de aula.

O TCC foi dividido em Introdução, Capítulos 2, 3, 4, 5 e Considerações Finais. Na

introdução foi abordado os principais autores que nortearam o trabalho bem como a metodologia de pesquisa utilizada. O Capítulo 2, intitulado “Gêneros Textuais”, apresenta o conceito e definição dos gêneros textuais e importância do trabalho com gêneros textuais diversificados. O Capítulo 3, denominado “Versões adaptadas em Histórias em Quadrinhos (HQs) de Clássicos da Literatura”, aborda a origem, o contexto e influência das HQs como práticas pedagógicas eficazes no processo de aprendizagem e formação de leitores. O Capítulo 4, intitulado “Letramento Literário” apresenta a importância do ensino dos gêneros textuais, em especial das HQs para formação de leitores. O Capítulo 5 “Relato de Experiência sobre Leitura de clássicos literários adaptados em histórias em quadrinhos no ensino fundamental II: uma vivência em sala de aula” trata da prática pedagógica da pesquisadora no trabalho realizado com HQs no processo de multiletramentos e de formação de leitores. O objetivo foi investir nas possibilidades do letramento literário através do desenvolvimento de atividades de leituras facilitadas pela adaptação do clássico literário. As Considerações Finais apresentam algumas reflexões a respeito dos aspectos analisados sobre a importância da utilização das “Versões adaptadas em Histórias em Quadrinhos (HQs) de Clássicos da Literatura: uma análise em HQs” para o professor enquanto mediador da aprendizagem em sala de aula.



Fonte: Cervantes, Miguel. 1958. Capa do clássico literário Dom Quixote, versão adaptação em História em quadrinhos

Os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano.

Luiz Antônio Marcuschi (2002, p.30)

2 – GÊNEROS TEXTUAIS

Os gêneros textuais são formas de organização da linguagem utilizadas em situações concretas de comunicação. De acordo com Luiz Antônio Marcuschi (2002), os gêneros textuais “contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa.” (Marcuschi, 2002, p.19). Entendidos como instrumentos de interação social, o referido autor os considera “eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” (Marcuschi 2002, p.19), ou seja, os gêneros textuais são flexíveis e se adaptam facilmente às situações sócio-comunicativas, adequando-se às necessidades e contextos de fala dos interlocutores.

Ainda de acordo com Marcuschi (2002), o termo gênero textual refere-se a textos materializados com os quais toda pessoa se esbarra em seu cotidiano e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Para ele, as principais características do gênero textual são:

1. realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas;
2. constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função (Marcuschi, 2002, p. 23).

Conhecer as características do gênero textual é importante no trabalho docente, porque o professor poderá trabalhá-lo na sala de aula, de forma a conduzir suas ações voltadas para as crianças e adolescentes como sujeitos sociais que se fixam em práticas comunicativas diversificadas. Assim, em nossa prática docente é importante dominarmos os gêneros para aplicá-los adequadamente. Para Carla Vianna Coscareli “precisamos conhecer e nos familiarizar com os diversos gêneros textuais que circulam em nossa sociedade.” (Coscareli, 2007, p. 81). A autora observa que

A idéia de trabalhar com os gêneros na escola surgiu da necessidade de trazermos o contexto, ou seja, a situação de produção e recepção daquele texto, para a sala de aula. Quem escreve precisa saber para quem está escrevendo, o que quer dizer e com que objetivo está escrevendo. Muitas vezes, entender um texto isoladamente, julgar a qualidade do texto fora do contexto em que ele foi produzido e da situação na qual ele será lido é quase impossível (Coscareli, 2007, p. 81).

Coscareli (2007, p.82) lembra, ainda que a ideia de levar os gêneros textuais para a sala de aula configura-se como um desafio docente de transformar seus alunos em “leitores fluentes e escritores de bons textos”. Entretanto, “para que funcione como parte de uma proposta didática, a noção de gênero textual não pode se despir do contexto comunicativo que a reveste. É preciso que o gênero traga sempre consigo as condições de produção e recepção dos textos.”

Como afirma Marcuschi (2002, p.20) é importante reconhecer a funcionalidade e não somente a sua forma. Para uma maior compreensão, o conceito de gênero textual nos remete à linguagem em uso, como prática social historicamente situada – ação social. Interagimos linguisticamente através de enunciados concretos inseridos nas mais variadas esferas da comunicação humana. Como sintetiza Marcuschi, a língua é tomada, nessa visão, como um conjunto de práticas enunciativas e não como forma descarnada. Nesse sentido, considera-se a linguagem contextualizada e em funcionamento.

Abordar os gêneros textuais, nos dias atuais, significa lidar com um tema em constante desenvolvimento, visto que são fruto de um trabalho coletivo. Os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. Marcuschi observa que novas formas discursivas surgem a todo momento devido ao grande surgimento de novos suportes tecnológicos de comunicação. O autor considera que Bakhtin já previa “esta transmutação dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro gerando novos” (Marcuschi, 2002, p.20). Ao tratar dos novos gêneros e velhas bases, o linguista observa que os novos gêneros não são exclusivos, únicos, “inovações absolutas”, mas sim uma extensão de outros gêneros já existentes que passaram por transformações ao longo do tempo por causa da chegada e da intensidade da tecnologia nas atividades comunicativas “a tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas” (Marcuschi, 2002, p.20).

Há diversas formas de classificar os gêneros textuais, e essas classificações podem variar conforme o enfoque teórico. Uma das classificações mais aceitas na linguística é a que distingue os gêneros pela sua função social e organizativa. Bakhtin (2003) argumenta que os gêneros são definidos pela situação de comunicação e pelos papéis sociais que desempenham, sendo eles dinâmicos e suscetíveis a transformações históricas.

Como afirmou Bronckart (2003, p.103) “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”, o que segundo Marcuschi (2002, p.22) “permite dizer que os gêneros operam em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam como fontes de produção sócio-histórica e dão sustentação além de uma mera justificativa individual”.

Marília de Lucena Coutinho (2005) esclarece que a categoria do gênero textual foi introduzida por Bakhtin na Linguística somente no século XX; anteriormente, ela era domínio quase exclusivo da Literatura. No início, as abordagens linguísticas enfatizavam os aspectos textuais em modelos de análise bastante descritivos, de forma semelhante à análise literária. Inicialmente, a Linguística se preocupava com os sons, as palavras e as frases em seus aspectos formais. Somente recentemente a disciplina passou a considerar a questão dos gêneros textuais. Com o surgimento da linguística textual, os estudos passaram a focar nos gêneros, investigando suas características e seu tratamento (Coutinho, 2005, p.43-47).

Laura Camisassa Rodrigues Lobato (2009) explica que Marcuschi (2002) apresenta uma sucinta história dos gêneros textuais na escrita desde a antiguidade clássica. Com o surgimento do alfabeto grego, o primeiro gênero escrito teria sido a poesia. Naquele momento, o papel da escrita era fixar a sabedoria, até então transmitida pela tradição oral. Esses saberes eram organizados na forma de poemas, pois sua estrutura rimada facilitava a memorização em comparação a textos orais não rimados. Segundo o autor, os conceitos de pontuação e parágrafo só foram inseridos pelos alexandrinos dois séculos após a invenção do alfabeto grego. “A organização textual que hoje conhecemos teria levado, entretanto, mais de quinze séculos para se estabelecer” (Lobato, 2009, p. 19).

Lobato (2009, p. 20-21) observa que desde as mais variadas civilizações, é comum agrupar seres e objetos que apresentam semelhanças. A organização em categorias visa trazer ordem ao caos e possibilitar uma melhor compreensão do mundo ao ser humano. Por essa razão, as ciências frequentemente utilizam tipologias para definir e delimitar os objetos de estudo. Nesse sentido, a Linguística, em busca de objetividade, estabelece classificações para as diferentes formas de manifestação da linguagem, organizando seu objeto de estudo em distintos grupos.

Nas últimas décadas, diferentes vertentes da Linguística têm se dedicado ao estudo dos gêneros textuais. Cada grupo de pesquisadores desenvolve sua teoria sobre os gêneros com base em suas concepções de língua. Val (1997) identifica três principais tendências nos estudos linguísticos em relação a essa concepção. O primeiro grupo, conforme a autora, é “composto por teóricos que veem a língua como uma atividade mental. O segundo, vinculado ao estruturalismo, a considera um sistema, enquanto o terceiro a interpreta como uma atividade social”(Val, 1997, p.123). A seguir, apresentamos um panorama sucinto sobre cada uma dessas abordagens.

Conforme Lobato (2009), a primeira corrente teórica entende a língua como uma capacidade mental inata ao ser humano. Dessa forma, a manifestação da língua ocorre de

maneira individual, ou seja, em cada pessoa. Os estudiosos dessa abordagem baseiam-se no pensamento racionalista adotado por Bacon e Humboldt no século XIX e retomado por Chomsky no século XX. O gerativismo chomskyano busca descrever uma gramática universal, na qual princípios linguísticos gerais orientam a produção verbal em diversas línguas. Essa perspectiva se dedica ao estudo da construção e recepção de sentenças, sem ter como foco os textos e os gêneros textuais (Lobato, 2009, p. 20).

O segundo grupo, representado aqui por Saussure (2002), defende que a linguagem se concretiza na fala (*parole*), tendo como base um sistema de signos linguísticos denominado *langue*. O estruturalismo entende os gêneros como estruturas abstratas que podem ser materializadas nos textos. Essa perspectiva acaba atribuindo aos gêneros um caráter rígido e normativo, o que não corresponde necessariamente à forma como os textos circulam naturalmente em uma sociedade. Nessa concepção, falta a liberdade criativa dos interlocutores em situações reais e dinâmicas de comunicação. Além disso, essa abordagem frequentemente desconsidera elementos essenciais à produção textual, como o contexto extralinguístico, caracterizando o que alguns estudiosos chamam de “formalismo reducionista”, que ignora a quase infinita diversidade organizacional dos textos.

Val (1997) apresenta, por fim, a terceira abordagem, que atribui grande importância à atividade social no estudo da linguagem. Nos estudos linguísticos contemporâneos, essa perspectiva tem ganhado cada vez mais adeptos, pois atualmente há um consenso crescente em considerar a língua como um espaço de interação, funcionando tanto como mediadora quanto como produto das práticas sociais (Val, 1997, p.128). Nessa concepção, os gêneros se estruturam para a enunciação ao mesmo tempo em que são moldados por ela, num processo de interdependência. Assim, a linguagem – e, por consequência, a língua e os gêneros – não se define apenas por sua forma, mas também por sua função de intermediar as atividades humanas, ou seja, seu papel comunicativo. Sob essa ótica, a língua não é apenas um sistema fixo, como defende o estruturalismo de Saussure (2002), mas sim uma sistematização dinâmica, já que a norma – no sentido coseriano – está em constante adaptação às transformações socioculturais das comunidades.

2.1 Gêneros orais, escritos, primários, secundários e digitais

Conforme Koch e Elias (2006), a primeira diferenciação relevante ocorre entre os gêneros orais e os escritos. Os gêneros orais, como a conversa, a palestra e o discurso,

caracterizam-se por sua natureza mais dinâmica e passageira, ou seja “efêmera”. Em contrapartida, os gêneros escritos, como o artigo, a carta e o romance, possuem maior permanência e demandam uma organização mais estruturada, sendo assim mais “duradouros” (Koch e Elias, 2006, p.109). Travaglia (2017) observa que à primeira vista, a ideia de trabalhar com gêneros orais pode parecer bastante simples e tranquila. O conceito parece evidente: seriam os gêneros próprios da língua falada, da oralidade. “Todavia, quando nos aproximamos dos gêneros existentes empiricamente, percebe-se que o conceito de gêneros orais não é tão tranquilo quanto se pensa” (Travaglia, 2017, p.13) .

Mikhail Bakhtin em a “Estética da criação Verbal”, observa que “não se deve, de modo algum, minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado” (Bakhtin, 2003, p. 263). O autor atenta para a importância de diferenciar os “gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos)”. Os gêneros primários, também conhecidos como simples, são aqueles que surgem de situações comunicativas verbais mais imediatas e espontâneas, como o diálogo e a conversação cotidiana. Já os gêneros secundários, também conhecidos como mais complexos, “surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico” (Bakhtin, 2003, p. 263). Nestes gêneros estão inseridos as obras literárias, as pesquisas científicas, os grandes gêneros publicitários.

Ao examinarem os apontamentos de Bakhtin sobre os gêneros primários e secundários, Raquel S. Gomes, Marcelo S. Gomes e Luciana K. da Silva (2018) propõem que a distinção entre gêneros primários e secundários pode ser vista como uma distinção entre espaços públicos e privados, ou entre contextos domésticos e institucionais. Essa ideia, contudo, parece limitada para compreender completamente o que Bakhtin propôs, uma vez que se pode observar que há gêneros primários relacionados a interações diretas, “ligados a contextos imediatos de ação na esfera pública”, e gêneros secundários que se referem a contextos mais detalhados e “complexos na vida privada” (Raquel S. Gomes, Marcelo S. Gomes e Luciana K. da Silva 2018, p. 93). Os autores consideram ainda que “que a escrita, enquanto tecnologia cognitiva, contribuiu para a complexificação das próprias esferas, tornando a sociedade mais complexa e, partir daí, contribuindo para a distinção entre gêneros primários e secundários” (Raquel S. Gomes, Marcelo S. Gomes e Luciana K. da Silva 2018, p. 93)

À medida que as tecnologias de comunicação se desenvolveram, surgiram os denominados gêneros digitais. Estes gêneros surgem da interação em contextos virtuais e

abrangem formatos textuais como e-mails, bate-papos, blogs e tweets. Segundo Marcuschi, "os gêneros digitais não são totalmente novos, mas adaptações de gêneros existentes às novas condições de produção e recepção mediadas por computadores" (Marcuschi 2010, p. 36).

Endossando esta ideia, Lais (2010) afirma que:

Os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita. Contudo, sequer se consolidaram esses gêneros eletrônicos já provocam polêmicas quanto à natureza e proporção de seu impacto na linguagem e na vida social. (Lais, 2010, p. 01)

Lais (2010) considera que as mudanças ocorridas na escrita na era digital, impulsionadas pelo progresso tecnológico, afetaram tanto a identidade do indivíduo quanto a instituição educacional, dando origem aos gêneros digitais. Estas novas modalidades de escrita no ambiente hipermidiático são marcadas pelo hipertexto, produzido em conjunto pelos usuários da Internet, que reconfigura a interação entre leitor e escritor (Lais, 2010, p. 02).

Sérgio Roberto Costa, ao estudar a leitura e escrita dos hipertextos, observa que no cenário das plataformas digitais “leitor e autor se confundem nos hipertextos” e que oralidade e escrita se ‘dissolvem’ nas salas de bate-papo (Chats), por exemplo” (Costa, 2000, p. 44). Dessa forma, a linha divisória entre essas funções se torna fluida, pois o leitor-navegador deixa de ser um simples receptor passivo para se transformar em um coautor ativo. Segundo Costa “no ciberespaço, leitor e escritor deparam-se com novos conceitos, novo léxico, novos gêneros discursivos, novas formas de linguagem, novo código, novo estilo de ler, escrever e conversar.” (Costa, 2000, p. 44)

Em outras palavras, a interface Oralidade/Escrita parece se dissolver de maneira relevante no ciberespaço desse instrumento cultural, que é o computador, especialmente no uso da Internet, que seria responsável pelo surgimento de novos gêneros (hiper) textuais (Chat, e-mail, forum, site, home-page ...), ligados à interatividade verbal e, conseqüentemente, se torna responsável por novas formas e/ou funções de leitura e escrita. Os (hiper)textos, produzidos/ construídos sem fronteiras nítidas, misturam formas, processos e funções da Oralidade, da Leitura e da Escrita. (Costa, 2000, p.44).

Resumindo, a tecnologia digital e seus vários suportes de comunicação além de fazer surgir novos processos de produção e construção de textos, certamente, influencia na construção de diversos gêneros discursivos digitais, bem como na prática comunicativa social do indivíduo com esses gêneros emergentes.

2.2 Características dos gêneros textuais

Os gêneros textuais precedem nossas ações diárias e, sem dúvida, são indispensáveis para a execução de várias atividades. Adair Vieira Gonçalves (2011), ao abordar os gêneros textuais na escola, destaca que eles são "instrumentos essenciais de socialização, que possibilitam a participação prática dos indivíduos nas atividades comunicativas humanas" (Gonçalves, 2011, p.30). Outra particularidade dos gêneros é a sua transformação ao longo de sua trajetória histórico-social, como ilustra uma carta pessoal contemporânea do século XXI que sem dúvida incorporou atributos de linguagens contemporâneas, ligadas ao setor de informática. Schneuwly (2004) declara que a atividade de trabalhar os gêneros é tripolar, ou seja, possui três polos, em que uma ação específica é intermediada por objetos socialmente construídos, que ampliam as experiências de nossos ancestrais. Em sua concepção, "os instrumentos encontram-se entre o indivíduo que age e o objeto sobre o qual ou a situação na qual ele age" (Schneuwly, 2004, p.23-24).

Nosso cotidiano é permeado por uma variedade de gêneros discursivos e eles são conhecidos por vários nomes, incluindo carta pessoal, receita culinária, bula de medicamento, romance, conto, reportagem, notícia, editorial, resumo, resenha, esquema, redação para vestibular, edital de concurso, piada, previsão do tempo, menu de restaurante, palestra, conversa, reunião de condomínio, entre tantos outros. É possível afirmar que os gêneros textuais são ilimitados, pois são infinitas as circunstâncias comunicativas que demandam sua aplicação.

Cada gênero textual possui características específicas, particularidades únicas, que o distinguem dos outros e podem ser observadas na sua estrutura, estilo, intencionalidade e nos métodos de interação que ele possibilita. Ao examinar a estrutura dos gêneros textuais percebe-se que esta varia conforme o tipo de texto e seu propósito, ou seja, sua finalidade. Por exemplo, uma carta comercial segue uma organização padronizada, com saudação, corpo do texto e despedida. Já uma notícia jornalística frequentemente segue a estrutura da pirâmide invertida, onde as informações mais importantes são apresentadas no início.

A linguagem utilizada em cada gênero textual também varia. Gêneros mais formais, como o artigo científico, artigo de opinião, dentre outros, empregam uma linguagem objetiva, clara, precisa e impessoal. Em contraste, gêneros como o bilhete ou a mensagem de texto são mais informais e pessoais. Isso evidencia a relação entre os gêneros e as expectativas de seus leitores e interlocutores.

Outra característica crucial na definição de um gênero textual é a sua intenção

comunicativa. Segundo Bronckart (2003), a intencionalidade do texto refere-se ao propósito que ele pretende atingir: informar, persuadir, entreter, ou instruir, por exemplo. O gênero reportagem, por exemplo, visa informar o público sobre acontecimentos atuais, enquanto o gênero propaganda procura persuadir o leitor a adotar uma ideia ou adquirir um produto. (Bronckart 2003, p.83).

Outra característica relevante dos gêneros textuais é sua dinamicidade. Eles não são estáticos, evoluem com o tempo, acompanhando assim mudanças sociais, tecnológicas e culturais. Marcuschi (2002) argumenta que os gêneros textuais são dinâmicos porque "se adaptam continuamente às novas situações de comunicação, às novas práticas sociais e aos novos instrumentos de produção e circulação de textos" (Marcuschi, 2002, p. 169). Com o surgimento das redes sociais e da comunicação digital, muitos gêneros textuais passaram por diversas adaptações. Gêneros como tweets, instagram, facebook, vlogs, postagens em blogs e mensagens instantâneas (whatsapp) exemplificam as novas modalidades de texto que surgiram nas últimas décadas, crescendo de forma considerável, evidenciando a adaptabilidade e a habilidade de atualização e/ou renovação dos gêneros textuais.

Em resumo, os gêneros textuais constituem-se em instrumentos essenciais para a organização e entendimento da comunicação humana. Eles se apresentam como convenções sociais que auxiliam as pessoas a se expressarem de maneira eficaz em variados cenários e diversas situações sócio-comunicativas. É possível afirmar que o estudo de gêneros textuais é uma oportunidade única de utilizar a língua em suas múltiplas aplicações com autenticidade e dinamismo no cotidiano. A diversidade e dinamicidade dos gêneros textuais espelham as diversas demandas da sociedade atual, tornando a análise dos gêneros textuais crucial para a compreensão do discurso e da prática linguística na escola e na sociedade em geral.



Fonte: Barbosa, Maria Sônia. A Moreninha, 2021. Capa do clássico literário A Moreninha, versão adaptação em História em quadrinhos

3 - VERSÕES ADAPATADAS EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQs) DE CLÁSSICOS DA LITERATURA

Adaptar é um pouco como redecorar.
Alfred Uhry

3.1 Adaptações em HQs

As histórias em quadrinhos (HQs) constituem uma mídia, definida por Will Eisner (1999), como uma “arte sequencial”, surgidas, primariamente, como tiras diárias em jornais que logo ganham suas versões impressas em revistas de quadrinhos. Essas constituíram, como aponta Eisner (1999), o principal veículo de circulação das primeiras HQs.

Numa vertente mais ousada, a autora Márcia Rodrigues de Souza Mendonça aponta que as HQs, provavelmente tiveram início nas “pinturas rupestres”, pois estas utilizavam-se de desenhos nas rochas para possibilitar a comunicação entre diversas civilizações. (Mendonça, 2002, p.194). Defendendo essa mesma ideia, Ianonne e Ianonne (1994) apontam que se pode encontrar indícios das HQs na arte pré-histórica, no entanto os pioneiros desse gênero textual, como o conhecemos atualmente, surgiram na Europa, por volta do século XIX, com a publicação do Menino Amarelo (Yellow Kid), desenhado por Richard Outcault, publicado no jornal New York World.

De acordo com Vergueiro (2005), as HQ, juntamente com o cinema, são o meio de comunicação de massa mais importante do Século XX, ampliando-se, a partir da década de 1930, para praticamente todos os países do mundo. Vergueiro observa que o gênero HQ tornou-se “objeto de perseguições e preconceitos em sua longa trajetória”, mas que “hoje as histórias em quadrinhos já são encaradas de forma muito mais positiva por parcelas cada vez maiores da sociedade” (Vergueiro, 2005, p. 03). Segundo o autor, aos poucos, as histórias em quadrinhos

Passaram a ser aceitas nos mais diversos ambientes educacionais, sendo utilizadas por professores de todas as áreas e níveis de ensino e se tornando objeto de atenção de pesquisadores no mundo inteiro. Em consequência, passaram a fazer parte de coleções das bibliotecas, passando a representar um desafio para os profissionais da informação devido à pouca familiaridade que estes tinham (e têm) com esse produto editorial. (Vergueiro, 2005, p. 03)

Para Mendonça (2002):

No século XX, consolidaram-se os jornais, o veículo ideal para a expansão do alcance das HQs e da sua diversificação. Desde então, os quadrinhos têm se desenvolvido bastante, passando a circular em publicações exclusivamente a eles dedicadas, os gibis, e também no meio virtual, com temáticas e estilos os mais diversos. (Mendonça, 2002, p.195).

Segundo Mendonça (2002), as histórias em quadrinhos são facilmente reconhecidas devido à singularidade dos quadros, desenhos e balões. Elas têm uma linguagem que pode abranger uma vasta variedade de simbologia, determinada pela arte, pelo ritmo, pela estrutura da narrativa, pelo tema e, é claro, pelas suas características específicas, no entanto podem revelar-se um gênero complexo no que se diz respeito à função discursiva. Mendonça ainda situa as histórias em quadrinhos num vasto universo de outros gêneros verbais e não verbais como cartuns, charges, caricaturas e tiras que podem desempenhar um papel fundamental no processo de aprendizagem dos leitores (Mendonça, 2002, p.196).

Percebe-se, portanto, que as histórias em quadrinhos, além de serem uma fonte de diversão e conhecimento, se sobressaem pelas suas propriedades que favorecem a comunicação em massa, ou seja, em larga escala. Assim, é importante reconhecer seu valor como recurso pedagógico no ambiente escolar. A utilização de histórias em quadrinhos (HQs) para aprofundar e variar o ensino estimula a criatividade dos estudantes, além de colocá-los no centro do processo de ensino-aprendizagem. Essa abordagem permite ao aluno aprimorar habilidades específicas defendidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), uma vez que a Base atenta para a relevância dos gêneros discursivos para o desenvolvimento das práticas de linguagem, à medida que afirma que o trabalho com o texto deve ser “considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/ comunicação/uso da linguagem” (Brasil, 2018, p. 67).

Para Canclini (2013) as Histórias em Quadrinhos são gêneros “constitucionalmente híbridos” que rompem com o conceito de coleção patrimonial desde seu nascimento, unindo a cultura icônica à literária, e se constituem como um componente central da cultura contemporânea (Canclini, 2013, p.224).

É importante ressaltar que como explicado por Vergueiro (2005), em décadas passadas, as histórias em quadrinhos sempre foram vistas com desdém e marginalizadas, sendo repreendidas por educadores e sua leitura vedada em sala de aula. Isso incluía o confisco de seus exemplares caso algum estudante fosse flagrado lendo as HQs. Santos e Vergueiro (2012) relatam que os quadrinhos eram considerados meros objetos de distração que comprometiam o processo de aprendizagem. Contudo, a partir de 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), passou-se a propor uma integração entre esse produto cultural e a educação formal, fazendo com que as HQs fossem aceitas no ambiente escolar e na sala de aula. Nobuyoshi Chinen (2020) considera que

Para a consolidação dos quadrinhos como ferramenta de ensino, só faltava o endosso oficial das autoridades educativas do país e isso se tornou realidade quando órgãos governamentais em diversas instâncias passaram a incluir publicações em quadrinhos em suas compras para abastecer as bibliotecas de escolas ou programas de incentivo à leitura. (CHINEN, 2020, p. 877)

Com a inserção do gênero Quadrinhos em programas de incentivo à leitura, promovidos pelo Governo Federal, como o Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE), substituído pelo PLND Literário em 2017, as editoras passaram a investir nesse mercado, impulsionando a produção de adaptações de obras literárias. Segundo Chinen (2020), “um dos motivos que levaram as editoras a investir nas adaptações era que nos editais para seleção de títulos para o PNBE, ficava explícita a preferência por esse tipo de publicação” (Chinen, 2020, p. 877). Com a inclusão desse gênero textual nos sucessivos programas do governo de aquisição de livros para as bibliotecas escolares, os quadrinhos passaram a visitar as salas de aulas, tornando-se ferramenta didática para as leituras literárias, “em um irônico contraste do que ocorria em épocas passadas em que os professores chegavam a confiscar os exemplares de eventuais alunos que ousassem trazê-los, escondidos dentro dos cadernos e livros de estudo” (Chinen, 2020, p.877).

3.2 Contexto histórico das HQs no mundo

Bibe Luyten (1985) afirma que “as origens da HQs estão justamente no início da civilização, quando as inscrições rupestres nas cavernas pré-históricas já revelavam a preocupação de narrar os acontecimentos através de desenhos sucessivos” (Luyten, 1985, p. 16).

Portanto, a trajetória histórica dos quadrinhos é bem antiga, como afirma Iannone, L.e Iannone, R. (1994) “Estudiosos apontam as inscrições que nossos antepassados deixaram nas cavernas, no período pré-histórico, como a origem mais remota das histórias em quadrinhos” (Iannone, L.; Iannone, R. 1994, p.10). Conforme explica Vergueiro (2005), “o homem primitivo [...] transformou a parede das cavernas em um grande mural, em que registrava elementos de comunicação para seus contemporâneos” (Vergueiro, 2005, p. 8).

As histórias em quadrinhos tem sua origem na civilização europeia, sendo que o aparecimento das técnicas de reprodução gráfica proporcionaram a junção do texto verbal com a imagem, mas de acordo com Furlan (1984), embora o trabalho de ilustração de textos com desenhos ocorresse com grande intensidade em países como França, Inglaterra e Itália, o primeiro passo para o desenvolvimento das HQs “surge em virtude da concorrência entre dois

grandes jornais e seus proprietários: O New York World e o Morning Journal, de Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst, respectivamente” (Furlan, 1984, p. 27).

Em 1897, Rodolph Dirks, lança *The Katzenjammer Kids* (Os Sobrinhos do Capitão), considerada um exemplo de HQ. De acordo com Barbieri (2017), antes do surgimento de *Katzenjammer Kids*, as histórias eram sem sentido e sempre faltava algum elemento básico da HQ, o que acabava comprometendo a história. Luyten (1985) afirma que as criações das personagens de Rodolph Dirks foram de grande importância para a consolidação das HQs como linguagem: “Os personagens de Dirks são tipos pitorescos, com vida própria, encaixados direitinho no cenário. Com esta obra, a narrativa quadrinizada consegue, após várias experiências, realizar um trabalho vigoroso, e consolidar-se definitivamente como linguagem” (Luyten, 1985, p.20).

Manzato e Caldas (2019) no artigo “Teologia e Literatura no Universo das Histórias em Quadrinhos”, explica que

No final do século XIX (1894) nos Estados Unidos surge uma publicação, à época, absolutamente despretensiosa, que unia ilustração e texto escrito: *The Yellow Kid*, “O menino amarelo”, que contava as aventuras de um menino que vivia em regiões pobres da cidade de Nova Iorque e sempre usava uma camisa amarela. Surge aí a história em quadrinhos, conhecida no mundo de língua como *comics* no mundo de língua inglesa, *bande dessinée* em francês, *fumetti* em italiano e *banda desenhada* no português lusitano. Não demorou para que este tipo de publicação se tornasse sucesso de público e, conseqüentemente, de vendas. (Manzato e Caldas. 2019, p. 06)

Mendonça (2002), afirma que as primeiras histórias em quadrinhos foram inicialmente publicadas em jornais e se consolidaram neles, no início do século XX, em torno de 1920. A partir daí, elas começaram a ganhar mais espaço e passaram a ser publicadas em revistas. Desde então, os quadrinhos evoluíram significativamente, ganhando espaço tanto em publicações exclusivamente dedicadas a eles, como os gibis, quanto no ambiente virtual, abordando uma ampla variedade de temas e estilos (Mendonça, 2002, p.194-195).

Atualmente, as histórias em quadrinhos são uma expressão artística respeitada e variada, cobrindo uma ampla variedade de estilos e assuntos. Desde as aventuras de super-heróis até as narrativas em quadrinhos introspectivas, as histórias em quadrinhos continuam a atrair leitores de todas as idades, espelhando e influenciando a cultura atual. Daí não ser incomum que a primeira experiência leitora de parcela da população tenha sido através desse gênero textual.

3.3 Contexto histórico das HQs no Brasil

Como visto anteriormente, as HQs, como são conhecidas hoje, surgiram no final do Século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, sendo disseminadas, posteriormente, para outros países. Aqui no Brasil, seu surgimento remonta ao começo do século XX.

Entre os autores que publicaram suas HQs naquela época, destaca-se Angelo Agostini, um italiano residente no Brasil, que dedicou mais de três décadas à criação de narrativas gráficas. Em 30 de janeiro de 1869, ele publicou histórias com o personagem Nhô-Quim no jornal *Vida Fluminense* que foi considerada a primeira HQ produzida em território brasileiro. Batizadas de "As Aventuras de Nhô Quim", essas histórias ganharam tanta repercussão que estabeleceram o dia 30 de janeiro como o Dia Nacional dos Quadrinhos no Brasil. O crescimento e sucesso desse gênero no país foram impulsionados não apenas pela influência das publicações europeias, mas também pelo surgimento de revistas, suplementos de jornais e editoras especializadas na produção de quadrinhos (Santos ; Vergueiro, 2016, p.112-113).

Essas editoras desempenharam um papel significativo ao viabilizar tanto a adaptação de clássicos da literatura, obras religiosas e títulos históricos para o formato de HQs quanto a publicação de produções originais de autores como Maurício de Sousa, Ziraldo Alves Pinto e Monteiro Lobato. O sucesso foi tão grande que a intitulada produção nacional uniu-se com adaptação de quadrinhos importados, na revista "O Tico-Tico", lançada no ano de 1905, pelo mesmo Angelo Agostini. A revista mesclava passatempos, contos, educação e quadrinhos, onde os desenhos eram reproduzidos dos originais americanos e os roteiros adaptados à realidade brasileira (Santos ; Vergueiro, 2016, p.112).

As duas HQs mais populares no Brasil no início dos anos 1960 eram "Jerônimo, o Herói do Sertão", de Moisés Weltman e Edmundo Rodrigues, e "As Aventuras de O Anjo", de Álvaro de Aguiar e Flávio Colin. Então, veio o regime militar em 1964. O impacto da censura nas histórias em quadrinhos resultou na retirada dos personagens de Ziraldo do mercado, pois Ziraldo, Miguel Paiva, Jaguar, Cláudio Paiva, Henfil e muitos outros, subjetivamente ou não, criticavam o subdesenvolvimento militar do país. O Pasquim foi estabelecido em 1969, uma publicação de oposição à ditadura que usava tiras de humor e entretenimento para tratar de temas bastante sérios (Queiroz, 2008, p.221).

Em relação à quadrinização de obras literárias no Brasil, Vergueiro (2007) observa que "ocorrendo esporadicamente desde o início dos anos 2000, a produção de histórias em quadrinhos com esse enfoque narrativo parece ter se incrementado no Brasil a partir da segunda metade da presente década" (Vergueiro, 2007, p. 15). De acordo com o pesquisador

em HQs:

As mudanças na educação brasileira nos últimos anos, principalmente a inclusão das histórias em quadrinhos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como uma das alternativas de complementação didática no ensino formal, também parecem ter colaborado para que a quadrinização de obras literárias encontrasse novo fôlego no país. Esta é a linha seguida pela Editora Escala Educacional, de São Paulo, com a publicação da série Literatura brasileira em quadrinhos, iniciada em 2005, voltada para a aplicação em sala de aula (Vergueiro, 2007, p. 16)

Para Vergueiro (2007), os materiais em quadrinhos, de conteúdo paradidático, representam uma aposta ousada na utilização pelas escolas brasileiras e estas adaptações dos clássicos literários têm alcançado, cada vez mais, um alto nível de qualidade artística.

3.4- A utilização de adaptações de livros clássicos em sala de aula

No livro "Por que ler os clássicos", Ítalo Calvino apresenta diversos argumentos sobre a relevância de ler um clássico da literatura. Todos esses argumentos são assuntos interessantes, porém, o sétimo será o primeiro a ser abordado:

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessam (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes. (Calvino, 1993, p.11).

Os clássicos são livros de épocas passadas, mas que desde a infância, permitem que aprendamos que a história é analisada e compreendida para entendermos os dias atuais. Em sua leitura somos convidados a encontrar elementos de identidade com o nosso mundo presente, mostrando a atualidade de sua história. É conhecido que os clássicos referem-se a períodos que muitos não experimentaram e retratam os hábitos e a cultura de um período anterior. Compreendendo a trajetória da literatura clássica, os estudantes podem aprofundar seus conhecimentos sobre culturas, linguagens, povos e épocas. Calvino complementa, afirmando ainda que “os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos” (Calvino, 1993, p.13).

Colocando em destaque a atemporalidade dos nossos clássicos literários, Calvino (1993) afirma que clássico é “aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível” (Calvino, 1993, p.15). Com isto, podemos inferir que os nossos clássicos possuem a capacidade de dialogar continuamente com os mais variados contextos de produção e recepção das obras literárias, bem como se adaptar aos novos suportes de leitura desses textos. Ele permanece aberto a outras leituras e releituras e se oferece a nós

como convite às apropriações criativas. Em sua tese “Ler Machado/ acessar Machado: reinvenção do clássico machadiano no ciberespaço” Gonçalves (2017) faz a seguinte provocação em relação à adaptação dos clássicos da literatura:

Por que adaptar o clássico? Porque adaptar o clássico é melhor do que não adaptar o clássico. Simples e justificável assim, tanto quanto Ítalo Calvino sustentou que ler o clássico era melhor do que não ler o clássico. E quantos da geração de leitores, nativos digitalmente, terão seu primeiro encontro com o clássico, nas plataformas do ciberespaço, por meio de uma adaptação? Provavelmente muitos, dado o estímulo que os meios pós-cinema e pós-televisão encontraram para adaptar o clássico no contemporâneo. Em cada período histórico de mudança e evolução de mídias, o clássico continua buscando o meio apropriado para falar. Foi assim no início da era do cinema, quando os romances oitocentistas ofereceram seus enredos em transposição para a tela grande, e o foi, também, com o advento da televisão, em que novas versões de romances passaram a chegar até o leitor/telespectador, por meio de telenovelas e minisséries (Gonçalves, 2017, p. 98).

Articulado a este pressuposto de que o clássico resiste ao tempo e encontra ressonância nos mais variados gêneros e multiplicidade de mídias, sua adaptação vem a um bom tempo visitando o gênero HQ, convidando o leitor a se apropriar de sua leitura em um novo suporte de publicação e de desfrutar de sua história em um gênero diferente daquele no qual teve sua origem.

Ana Maria Machado, escritora de livros infanto-juvenis, na obra *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo* (2009), fala sobre a importância de se propiciar um encontro entre o aluno e os textos clássicos desde a infância. Para a escritora, se desde pequeno, o leitor tiver conhecimento de um bom número de narrativas clássicas, esses encontros iniciais com “nossos mestres da língua portuguesa” terão mais probabilidades de acontecer “quase naturalmente” no futuro. Nesse primeiro encontro, a autora considera que “a primeira experiência com um clássico na infância ou adolescência não precisa necessariamente ser com a versão original; o ideal é uma adaptação bem-feita e cativante” (Machado, 2009, p.13). Afinal, não se trata apenas de ler, mas também de gostar de ler; por isso, a adaptação precisa ser interessante para o público-alvo.

Machado (2009) orienta que

Também não é necessário que essa primeira leitura seja um mergulho nos textos originais. Talvez seja até desejável que não o seja, dependendo da idade e da maturidade do leitor. Mas creio que o que se deve procurar propiciar é a oportunidade de um primeiro encontro. Na esperança de que possa ser sedutor, atraente, tentador. E que possa redundar na construção de uma lembrança (mesmo vaga) que fique por toda a vida. Mais ainda: na torcida para que, dessa forma, possa equivaler a um convite para a posterior exploração de um território muito rico, já então na fase das leituras por conta própria (Machado, 2009, p. 12-13).

Machado (2009) faz a ressalva que na utilização de adaptações de clássicos em sala de aula deve-se ter o critério de uma boa seleção, a fim de verificar a qualidade dos textos. Cabe, ao professor, portanto, a tarefa na escolha das adaptações que serão trabalhadas.

Linda Hutcheon, em sua obra “Uma teoria da adaptação”, aponta que o fenômeno da adaptação pode ser entendido sob três pontos de vista diferentes, porém interligados. Inicialmente percebida como um produto formal, a adaptação é uma transposição explícita e abrangente de uma ou mais obras específicas. Em segundo lugar, a adaptação, como um processo criativo, sempre implica tanto uma reinterpretação quanto uma recriação. Por fim, ela é analisada a partir do seu processo de recepção, uma manifestação de intertextualidade (Hutcheon, 2013, p.29-30).

Para Cosson (2022), o trabalho com a literatura na escola deve ser democrático e “deve contemplar a diversidade cultural e os valores da comunidade de leitores”. Assim, “a literatura na escola tem por obrigação investir na leitura desses vários sistemas até para compreender como o discurso literário articula a pluralidade da língua e da cultura” (Cosson, 2022, p. 34).

Em relação à abordagem do trabalho com os textos literários na escola, os PCN (Brasil, 1998) orienta o seguinte:

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (Brasil, 1998)

A recomendação é explorar as potencialidades do texto literário. Propor atividades “voltadas para o aprimoramento da habilidade literária”, com o propósito de formar leitores de literatura. Entretanto, para cumprir o objetivo de formar leitores literários, a escola tem cometido alguns equívocos, não aceitando outros suportes e gêneros de leitura que não seja o livro impresso e o texto literário ou mesmo determinando o que pode e o que não pode ser lido. Além disso, o professor de literatura, intermediário entre o aluno e o livro, pode incorrer no equívoco de oferecer e exigir do aluno somente repertório de livros que ele já leu. Para despertar o interesse dos estudantes pela leitura, é imprescindível torná-la mais acessível e cativante, além de ensiná-los que a leitura dos textos literários e dos clássicos pode se transformar em algo prazeroso, e não em algo maçante, enfadonho. Nesse sentido, lançar mão

das adaptações como facilitadora pode ajudar a quebrar a resistência dos alunos, inclusive dos mais jovens, interessados em outras formas de comunicação e de entretenimento.

Trabalhar uma adaptação pode aproximar os adolescentes do universo dos clássicos literários bem como de outras formas de leituras e gêneros. Em consonância a isso, a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, destaca a importância de incorporar outras linguagens no ensino fundamental, para que o estudante possa sair da escola com "conhecimento das formas contemporâneas de linguagem" (Brasil, 2018). Assim, cabe ao educador promover ao estudante o direito de conhecer as mais diversas expressões artísticas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) explicita a importância da abordagem de gêneros dos quadrinhos nas práticas de leitura e escrita na sala de aula. Dentre as várias habilidades propostas a serem desenvolvidas pelos alunos do Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano, está, por exemplo:

(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos - tirinhas, charges, memes, gifs etc. -, o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos iconográficos, de pontuação etc

(EF15LP14) Construir o sentido de histórias em quadrinhos e tirinhas, relacionando imagens e palavras e interpretando recursos gráficos (tipos de balões, de letras, onomatopeias) (Brasil, 2018, p. 137).

A abordagem dos gêneros quadrinísticos no trabalho com a língua visa desenvolver nos alunos habilidades relacionadas ao uso e entendimento de textos multissemióticos. Assim, no processo de formação de leitores literários é interessante explorar a potencialidade de outras linguagens. O encontro do aluno com o texto literário pode ocorrer por meio de outros suportes que não seja o livro literário. As adaptações dos clássicos literários em novas obras, atualizadas para facilitar o acesso da nova geração de leitores à sua leitura, incentivam o apreço pela leitura, abrindo caminho para melhor aceitação dessas ficções entre os adolescentes e jovens e para a perpetuação de suas histórias universais.

Mendonça, em seu artigo “um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos” (2002) observa que as histórias em quadrinhos são acessíveis tanto para adultos com baixo nível de alfabetização quanto para crianças em fase de aprendizado da escrita, que podem se apoiar dos desenhos para construir sentido. Os elementos mencionados contribuem não apenas para conquistar a preferência dos leitores, mas também para melhorar a fluência na leitura. A mesma autora ainda aponta que essa relativa simplicidade na compreensão e interpretação das HQs pode ser interpretada como uma qualidade textual inferior, induzindo à ideia errônea de que ler quadrinhos é muito simples. Com base nesse pressuposto, a escola deixaria de explorar as possibilidades pedagógicas das HQs ou a menosprezaria como recurso

de leitura, intensificando o abismo entre o que a escola proporciona e o que os estudantes procuram (Mendonça, 2002, p.202-203).

A transformação de obras clássicas em Histórias em Quadrinhos facilitará a leitura do estudante, que, possivelmente devido à sua idade ou à sua situação atual, poderia ter perdido o contato com a obra clássica que foi transformada. É inegável que uma parcela da obra original se desvaneça em cada adaptação realizada a partir dela, pois não apresenta a mesma riqueza de detalhes de uma obra original. No entanto, destaca-se a utilidade que os clássicos reescritos podem proporcionar tanto ao educador quanto ao estudante. Em nenhum momento a leitura de adaptações é exaltada ou glorificada; o que se espera é que o estudante tenha um primeiro contato com a obra clássica, se sinta estimulado e motivado, e posteriormente busque-a em seu texto original, após ter sido despertado o interesse e a curiosidade. Se não conseguir ler o original, pelo menos terá a habilidade de ler um texto reescrito de um clássico.

Mendonça (2002) esclarece que a utilização das HQs não se limita apenas às aulas de Língua Portuguesa, pois pode atingir outras disciplinas. Afirmar ainda que as histórias em quadrinhos são empregadas como um instrumento pedagógico, atuando como um facilitador do processo de aprendizado. Em primeiro lugar, isso se deve “à função dos desenhos em materializar sequências de ações que os leitores devem realizar, ter um forte apelo visual e alcançar uma ampla gama de indivíduos, com variados níveis de alfabetização, com diferentes graus de letramento” (Mendonça, 2002, p.205).

Segundo Linda Hutcheon (2013), é possível afirmar que cada adaptação possui sua “própria aura, sua própria presença no tempo e espaço, uma existência singular no local onde acontece” (Hutcheon, 2013, p.27). Para Hutcheon, abordar adaptações como adaptações implica enxergá-las como criações que têm sua origem em outra obra anterior. “Quando dizemos que a obra é uma adaptação, anunciamos abertamente sua relação declarada com outra(s) obra(s).” Há um reconhecimento do texto original, cuja influência podemos perceber enquanto mergulhamos no texto que vivenciamos diretamente. A especialista em adaptações aponta que “a adaptação é repetição, porém repetição sem replicação” (Hutcheon, 2013, p.27-28).

Com base nesse posicionamento, é possível entender que os clássicos literários adaptados para histórias em quadrinhos podem refletir uma noção de fidelidade ao texto original, no entanto, os adaptadores podem ter diferentes intenções e objetivos variados ao realizar o processo de adaptação, muitas vezes alinhados a propósitos específicos e igualmente válidos. Isto não diminui nem a obra de origem nem a obra adaptada, uma vez que cada uma guarda sua essência artística. Como esclarece, Pina (2014)

Cada linguagem é uma linguagem, cada obra tem sua natureza artística. Mesmo não oferecendo uma reprodução completa do texto original – o que indica a criatividade do adaptador -, as traduções quadrinísticas de obras literárias atraem as crianças e jovens para o mundo do impresso, fazem-nos manusear belas edições, levam-nos a usar seu tempo percorrendo o papel com os olhos encantados pelas cores, pelos traços, pelos balões (Pina, 2014, p. 34).

Cada formato de mídia e seu modo de engajamento possuem especificidade e essência próprias, de acordo com Hutcheon “cada qual tem à sua disposição diferentes meios de expressão – mídias e gêneros – e, portanto, pode mirar e conquistar certas coisas mais facilmente que outras” Hutcheon (2013, p. 49). De certa forma, a adaptação dos clássicos no gênero HQs pode criar condições para a leitura dessas obras por meio de uma versão que predomina a linguagem visual e por isso mesmo mais atraente e de fácil entendimento para o aluno leitor.

Ao tratar das adaptações de obras literárias para a indústria cinematográfica, Hutcheon (2013) lembra que por trás das várias adaptações literárias para o cinema, televisão e outras plataformas, há, também, uma motivação pedagógica. De acordo com a autora, “estudantes de literatura e seus professores, no ímpeto de estimular a imaginação cinematográfica de seus alunos, representam um dos maiores mercados de incentivo para as obras adaptadas do texto literário” (Hutcheon, 2013, p. 132).

Nesse caso, entendemos que a adaptação dos clássicos da literatura em histórias em quadrinhos movimenta a indústria pedagógica para capturar o público pré-adolescente e adolescente a fim de levá-los, por meio de uma recriação divertida, a ler as narrativas literárias clássicas. Esta intenção, embora passíveis de críticas, pode atingir objetivos no processo de letramento literário e formação de leitores, assunto que será abordado no próximo capítulo.



Fonte: Jaf, Ivan. O Cortiço. 1957. Página 06 do clássico literário O Cortiço, versão adaptação em História em quadrinhos.

4 LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO DO LEITOR

Ler um livro é desinteressar-se da gente deste mundo comum e objetivo para viver noutro mundo. A janela iluminada noite adentro isola o leitor da realidade da rua, que é o sumidouro da vida subjetiva.[...] No tapete voador só há lugar para dois passageiros: leitor e autor (Augusto Meyer).

4.1 Conceito de letramento e leitura literária

A palavra letramento vem do universo da alfabetização, e sua origem é relativamente nova, no entanto, seu conceito e aplicabilidade são muito mais amplos. De acordo com Soares (2006), na segunda metade dos anos 1980 é que esta palavra surge no vocabulário dos especialistas das áreas de linguística e da educação. Soares (2006) define letramento como “resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais” (Soares, 2006, p. 39)

No dicionário Caldas Aulete, versão digital, aparece o seguinte conceito de letramento:

(le.tra.men.to)

sm.

1. A condição que se tem, uma vez alfabetizado, de usar a leitura e a escrita como meios de adquirir conhecimentos, cultura etc., e estes como instrumentos de aperfeiçoamento individual e social.

Abordando o letramento como processo atrelado às práticas sociais, Magda Soares (2006) observa que “um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma, letrado”. A linguista explica que

um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva [...] se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita. Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é, de certa forma, letrada (Soares, 2006, p. 24).

A leitura é fundamental para a vida em sociedade. É importante, portanto, que o processo de formação de leitor, seja incentivado desde a infância e o gosto pela leitura seja formado tanto por parte da família, quanto da escola. O direito de ler e escrever é inerente a todos os cidadãos, um direito que precisamos garantir e que, conseqüentemente, envolve um dever e um compromisso de muitos indivíduos. Principalmente, baseia-se na ideia de que a leitura é um direito histórico, cultural e político, que deve ser enquadrado no contexto em que se dá. Na perspectiva do Letramento, deve-se trabalhar a leitura numa dimensão de formação de leitores para exercer a prática social e para a vida inteira, compreendendo que o indivíduo deve se sentir envolvido no processo de leitura de forma a participar ativamente da vida em sociedade e enquanto processo de sua (auto) formação. Nesta percepção, é imprescindível entender a leitura como processo e produto do trabalho do homem em movimento, que nasce da atividade humana e, se desenvolve através dela.

Dentro dessa perspectiva, Marcuschi (2002) afirma:

Compreender bem um texto não é uma atividade natural nem uma herança genética; nem uma ação individual isolada do meio e da sociedade em que se vive. Compreender exige habilidade, interação e trabalho. Na realidade, sempre que ouvimos alguém ou lemos um texto, entendemos algo, mas nem sempre essa compreensão é bem-sucedida. Compreender não é uma ação apenas linguística ou cognitiva. É muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade (Marcuschi, 2002, p. 229-230).

Sob o ponto de vista de Silvia Castrillón (2011), apenas quando a leitura se tornar uma necessidade percebida por amplos segmentos da população, e essa população perceber que a leitura pode ser um recurso para seu próprio benefício e for de seu interesse apropriá-la, poderemos considerar a democratização da cultura letrada (Castrillón, 2011, p.16-19).

A mesma autora observa que a questão principal é que a leitura tem sido promovida como algo que pode ser facilmente descartado, como um luxo das elites que se deseja ampliar, como uma leitura "recreativa" e, conseqüentemente, supérflua. E isto numa sociedade onde, de acordo com as estatísticas, 70% da população está abaixo do nível de pobreza ou pobreza absoluta, uma população que se satisfaz apenas com televisão e internet para se entreter, algo que não demanda nenhum esforço de quem já fez demais para sobreviver (Castrillón, 2011, p. 54-55). Para Castrillón (2011), a leitura e escrita são processos formadores de pessoas críticas e reflexivas, e estão, intrinsecamente, relacionadas à construção do próprio ser humano enquanto ser pensante. Sendo assim, envolvem um conjunto de habilidades e competências de leitura e escrita, como a habilidade de compreender, interpretar e apreciar textos literários em suas diversas formas, sejam eles poesias, contos, romances, dramas, tirinhas, charges,

histórias em quadrinhos ou outros gêneros diversos (Castrillón, 2011).

Seguindo essa mesma perspectiva, Reyes (2012) indica que a vivência do texto literário e o contato com livros que não são lidos com olhos ou razão, mas com o coração e o desejo, são hoje mais imprescindíveis do que nunca como opções para a construção de um processo de leitura transformador (Reyes, 2012, p.27).

Entende-se que a promoção da leitura de obras literárias é crucial para a formação de leitores críticos, já que a leitura não é apenas um enfeite ou uma distração, mas sim uma ferramenta extremamente útil na transformação e reorganização de nossas vidas e no desenvolvimento da cultura do letramento. Assim, o hábito de ler clássicos da literatura, seja ela nos mais diferentes e variados suportes e gêneros textuais, pode incentivar a imaginação de adolescentes e crianças, fomentando a criatividade e aprimorando suas capacidades cognitivas. Através da literatura, adolescentes e crianças vivenciam diversas emoções e acabam se identificando com algumas narrativas, que conferem significado à sua vida.

Para Soares; Souza (2020), na literatura, a área de exploração é ampla e não deve ser apenas voltada para a “imaginação e o entretenimento, mas como forma de letramento, leitura do mundo, leituras sensoriais, emocionais e racionais, abrangendo todos os campos de experiências propostos pela Base Nacional Comum Curricular, que tem uma proposta integrada” (Soares; Souza 2020, p.02). A formação de leitores requer o estímulo a essas variadas leituras e o despertar do interesse dos jovens e adolescentes por livros, histórias, contos clássicos e todas as formas de leitura literária. Estas leituras podem promover o letramento literário, que auxiliará tanto na alfabetização quanto no progresso cognitivo dos leitores.

Cosson, em sua obra *Círculos de Leitura e Letramento Literário* (2014), comenta que para desenvolver a capacidade de leitura é preciso se engajar na leitura formativa, absorvendo as principais teorias sobre o desenvolvimento de um leitor competente. Isso ocorre especialmente quando se explora uma variedade de textos sob diferentes perspectivas, lendo não apenas para compreender, mas também para interagir com conteúdos que nos desafiem e atendam a demandas específicas. Esse processo envolve avaliar o que foi lido e, ao mesmo tempo, adquirir habilidades que aprimorem continuamente nossa forma de ler (Cosson, 2014, p.46-48). O referido autor observa que o processo de leitura se faz a partir de uma reflexão dela mesma:

Trata-se de uma metaleitura que permite ao leitor conhecer e controlar seus mecanismos de leitura e, assim, aprimorá-los. Tal leitura não está relacionada a um tipo específico de texto, embora textos complexos a favoreçam pelo esforço maior de diálogo que demandam. Também não precisa ser exclusiva nem extensiva, pois podemos exercitar essa consciência e controle ao realizar uma leitura com outros

objetivos e em momentos específicos dessas leituras. Não se chega, entretanto, a ser um leitor maduro sem se praticar esse tipo de leitura, pois isso ler para aprender a ler é um exercício que precisamos fazer para manter e ampliar continuamente nossa competência de leitor (Cosson, 2014, p.49).

Ainda sob o viés de Cosson (2022), a literatura se revela como um terreno propício para a formação de leitores, uma vez que desenvolve habilidades e aprimora a capacidade leitora, desempenhando, assim, um papel central na leitura formativa. Por meio dela, é possível explorar uma ampla diversidade de textos, já que o discurso literário é caracterizado pela riqueza de formas e pela variedade de temas. Os clássicos da literatura também têm seu destaque no campo da formação de leitores e do letramento literário. Cosson (2022) afirma que o letramento literário envolve a escolarização da literatura, isto é, incorporá-la ao ambiente escolar de maneira a preservar seu verdadeiro propósito, que é humanizar, e não tratá-la apenas como uma matéria, sem contextualização e debate. Também destaca a importância do letramento literário para assegurar a compreensão e aplicação de textos literários no ambiente escolar, visando a formação de um maior número de leitores. Para Cosson, a leitura dos textos literários deve ser “organizada segundo os objetivos da formação do aluno, compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar” (Cosson, 2022, p. 23). O autor chama a atenção para nossa compreensão de que

O letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que afirma seu poder de humanização (Cosson, 2022, p. 23).

Cosson (2014) também sustenta que o letramento literário deve seguir, de um lado, as três fases do processo de leitura, sendo elas a motivação, introdução e leitura e, de outro, o conhecimento literário e que este letramento literário ocorre através de práticas e atributos essenciais, ou seja, entende-se que a literatura é uma forma de linguagem que contempla três tipos de aprendizado: o aprendizado da própria literatura, que se baseia principalmente na vivência do mundo através das palavras; o aprendizado sobre a literatura, associado ao domínio de conhecimentos relacionados à história, teoria e crítica literária; e o aprendizado por intermédio da literatura, que abrange as competências e habilidades adquiridas por aqueles que se dedicam à prática literária. Cosson (2014) observa:

Por fim, adotamos como princípio do letramento literário a construção de uma comunidade de leitores. É essa comunidade que oferecerá um repertório, uma moldura cultural dentro da qual o leitor poderá se mover e construir o mundo e a ele mesmo. Para tanto, é necessário que o ensino da Literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o

complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno Cosson (2014, p.52).

Sob o ponto de vista de Marisa Lajolo (1982), o aprimoramento da leitura pode ocorrer através da literatura e que “a obra literária é um objeto social” que para existir requer que alguém a escreva e que alguém a leia. A obra literária só constrói sua existência neste “intercâmbio social” (Lajolo, 1982, p.16). A autora afirma que “a Literatura não transmite nada. Cria. O mundo da Literatura, como o da linguagem, é o mundo do possível” (Lajolo, 1982, p.42-45).

Na perspectiva de Graça Paulino (2004), a formação de um leitor literário envolve desenvolver a habilidade de selecionar suas leituras de forma consciente, valorizar as construções e significados verbais com caráter artístico e integrar essa prática aos seus hábitos e fontes de prazer, ou seja, desenvolver o letramento literário, assim como outros tipos de letramento, persiste como “uma apropriação” individual “de práticas sociais de leitura e escrita”, que não se limitam ao ambiente escolar, apesar de passarem por ele (Paulino, 2004, p.56-59).

Para Cândido (1995), a literatura é entendida como um direito humano que pode estar presente em todas as manifestações possíveis. O autor observa

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 1995, p. 249).

É possível afirmar que a literatura desempenha um papel único e exclusivo no progresso humano. Por meio dela, temos acesso a outros universos, diferentes pontos de vista, diferentes perspectivas. A cada livro lido, o conhecimento se expande, pois retrata diversos ambientes e realidades distintas das que o leitor experimenta. A literatura proporciona essa valiosa experiência para aqueles que têm a chance de interagir com textos literários, e cabe à escola transmitir esse conhecimento literário a todos os estudantes. Como afirmando por Cosson, anteriormente, o letramento literário é de responsabilidade da escola.

A capacitação de leitores é uma das bases fundamentais para o progresso intelectual, cultural e social de uma comunidade. Desde a juventude até a idade adulta, a habilidade de ler, compreender e avaliar textos é imprescindível para a formação de cidadãos críticos. No entanto, este processo não acontece de maneira aleatória; requer um esforço sistemático e planejado que inclua a família, a escola, as bibliotecas e as políticas governamentais.

Em sua obra “Literatura na formação de leitores e professores” (2007), Joseane Maia menciona que o prazer de ler, o gosto pela leitura, imediatamente, se associam à leitura literária, cuja implementação na escola tem recebido críticas severas da maioria dos escritores. É consenso geral que os docentes devem ser, acima de tudo, exemplos de leitores, a fim de facilitar a interação entre o estudante e as obras literárias. Maia, entretanto, observa que, frequentemente, a leitura dos textos literários é realizada de forma imprópria, pois são apresentados trechos de obras de escritores clássicos e contemporâneos, acompanhados de perguntas que buscam estimular o estudante a identificar a temática, o estilo e a escola literária (Maia, 2007, p.36).

Ao trazer o assunto da seleção dos textos literários para a leitura na escola, Cosson (2022) diz que a escola, geralmente, baseia-se em três critérios. Um deles é a crença que há nas obras canônicas uma “essencialidade literária que não pode ser questionada”, o outro se “concentra na contemporaneidade dos textos como o critério mais adequado para a seleção da leitura escolar”. Este critério, faz com que as editoras enviem uma abundância de textos às escolas para “avaliação” dessas obras pelos docentes, com a justificativa também de uma “aparente facilidade de leitura desses livros, uma vez que tratam de temas e utilizam linguagem que pertencem ao horizonte de seus potenciais leitores”. O último critério “defende a pluralidade e a diversidade de autores, obras e gêneros na seleção de textos.” Para Cosson, estas direções assumidas pelas instituições de ensino, visando o letramento literário, não alcançarão o objetivo a que se propõem se tomadas isoladamente (Cosson, 2022, p. 33). O autor propõe que o melhor é a combinação desses três critérios, fazendo-os agir, simultaneamente, no letramento literário:

Ao selecionar um texto, o professor não deve desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. Do mesmo modo, precisa aplicar o princípio da diversidade entendido, para além da simples diferença entre os textos, como a busca da discrepância entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio da verticalização de textos e procedimentos. É assim que tem lugar na escola o novo e o velho, o trivial e o estético, o simples e o complexo e toda miríade de textos que faz da leitura literária uma atividade de prazer e conhecimentos singulares (Cosson, 2022, p. 35-36).

Não nos é indiferente que a seleção dos textos recaia sob a responsabilidade dos professores de Língua Portuguesa/Literatura; e também não nos surpreende que os mesmos, não raramente, sintam-se angustiados nesse processo, uma vez que a seleção dos textos para a leitura do aluno pode se tornar uma questão pessoal, mediada pelo seu gosto literário de obras clássicas ou no desejo de oferecer ao aluno os mais diferentes textos que estão no mercado

literário. Estas questões nos faz entender que a seleção de textos para leitura literária é complexa e deve ser feita de forma responsável, para que o letramento literário possa se efetivar de modo adequado.

Lajolo (2011) destaca que um educador deve apreciar a leitura, ler bastante e se envolver com o que lê. Isso significa que “a familiaridade com uma variedade de textos, a maturidade como leitor, os significados já estabelecidos e a própria trajetória de leitura são requisitos essenciais para sua atuação como mediador na interação entre leitor e texto” (Lajolo, 2011, p.17).

Segundo Freire (1989), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1989, p.9) e essa leitura é um processo dinâmico e complexo que ultrapassa a simples habilidade técnica, abrangendo aspectos emocionais, culturais e sociais. Mais do que decifrar palavras impressas, ler significa compreender, interpretar e atribuir significado a elas dentro de um determinado contexto. Antes mesmo da interpretação de textos, essa percepção do mundo molda a experiência do indivíduo e sua forma de inserção na realidade.

A leitura transforma o leitor, pois expande seus horizontes, proporciona novos saberes e incentiva o raciocínio crítico. Assim, a leitura é um instrumento fundamental para a emancipação do indivíduo, possibilitando-lhe uma melhor compreensão do mundo que o cerca e uma participação mais ativa na sociedade. Portanto, a formação de leitores é uma estratégia para fomentar uma sociedade mais equitativa e engajada.

A formação de leitores inicia-se cedo, frequentemente antes da criança aprender a decifrar letras. O contato com histórias, narrativas orais e livros ilustrados proporciona um ambiente propício para o desenvolvimento do interesse pela leitura. Esse interesse pode vir também através da interação social do leitor iniciante com outros leitores, dessa forma, a leitura compartilhada entre pais e filhos ou entre professores e estudantes é uma representação dessa interação.

Sob essa ótica, entendemos o ato da leitura como um processo sempre em construção. O leitor não nasce pronto e as leituras compartilhadas por ele fora e dentro do ambiente escolar é que o transforma em um leitor de fato. Isto nos faz compreender que o trabalho com adaptações de clássicos literários para histórias em quadrinhos é importante para o crescimento cognitivo, cultural e social de adolescentes e crianças em geral, uma vez que as versões em quadrinhos além de aproximarem esses jovens leitores dos clássicos literários pode colocá-lo em contato com um gênero textual já conhecido porque compartilhado por ele em casa ou com pessoas que não fazem parte de seu cotidiano escolar.

A escola é um ambiente ideal para o desenvolvimento de leitores, frequentemente

sendo o primeiro local onde crianças e jovens têm contato sistemático com livros. Contudo, o desafio reside em converter a leitura de um dever escolar em uma atividade prazerosa. Todo leitor é fruto de um processo de construção, já que a habilidade de leitura se desenvolve por meio das experiências e conexões estabelecidas ao longo do aprendizado. Esse desenvolvimento também é influenciado pelos valores e perspectivas dos educadores com quem o indivíduo interage durante sua trajetória escolar, especialmente em relação à forma como enxergam o ato de ler. Segundo Solé (1998), a escola deve balancear a leitura compulsória, ou seja, “obrigatória” com a leitura prazerosa, proporcionando aos estudantes a chance de selecionar obras que se alinhem com seus interesses e realidade. Um método de ensino eficiente deve abranger atividades como rodas de leitura, discussões literárias e criação de textos inovadores, portanto, é a escola que irá “promover nos alunos a utilização de estratégias que lhes permitam interpretar e compreender autonomamente os textos escritos” (Solé, 1998, p. 17-18).

O incentivo à leitura através de diferentes gêneros pode contribuir para o letramento literário. Levando em consideração a interação do leitor com a variedade de textos que se propagam na sociedade, Azevedo (2004) defende que:

[...] leitores são simplesmente pessoas que sabem usufruir os diferentes tipos de livros, as diferentes “literaturas” - científicas, artísticas, didático-informativas, religiosas, técnicas entre outras - existentes por aí. Conseguem, portanto, diferenciar uma obra literária e artística de um texto científico; ou uma obra filosófica de uma informativa. Leitores podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação, seja para receber informações, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento (Azevedo, 2004, p: 38).

Com base nessa premissa, podemos afirmar que todas as leituras são válidas e cada uma possui sua relevância. Da mesma forma, não há apenas um tipo de leitor. O contato do leitor com os textos deve ser um momento para a aquisição de novos conhecimentos, novas experiências estéticas e subjetivas, auxiliando na formação de si mesmo e na interação com o mundo. Entretanto, o ensino de literatura e a formação de leitores nas escolas têm sido objeto de estudo e de questionamento de vários estudiosos. Rezende (2013) argumenta que:

Um dos jargões mais frequentes na escola é o de “formar leitores”. Ora, mas que leitor? Leitor que não lê literatura, que tem contato com simulacros ou com chavões da história literária? Na perspectiva tradicional de formação do leitor, caberia ao ensino fundamental “despertar o gosto” e, ao ensino médio, um aprendizado sobre a execução das obras e sobre a história literária (Rezende 2013, p. 109).

Esta provocação nos faz refletir sobre a relevância e a necessidade de reconsiderar o

propósito e as práticas de ensino de literatura no ambiente escolar, com o objetivo de elaborar uma proposta pedagógica mais eficaz e relevante que, de fato, dê prioridade à leitura de textos literários na formação de leitores. Nesse sentido, Cosson (2022) postula que o ensino de literatura deve proporcionar a experiência literária que:

[...] não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor (Cosson, 2022, p.17).

Portanto, é essencial e urgente que o texto literário ganhe destaque na escola, incentivando o letramento literário e sendo entendido como uma prática social. Ainda para o referido autor, o letramento literário permite que “a leitura literária seja exercida, sem o abandono do prazer do texto, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige” (Cosson, 2022, p. 24).

Sob o viés de Sônia Moreira Coutinho (2019), o desenvolvimento de leitores continua sendo um grande desafio para os docentes, especialmente para os que se dedicam à literatura. A visão dos letramentos literários, que vê a leitura como uma prática social localizada e moldada pelos seus contextos de uso, traz algumas contribuições para a formação de leitores de literatura no ambiente escolar. Ao colocar a vivência e a experiência dos leitores com os textos literários no centro das práticas de leitura, a diversidade de manifestações e suportes presentes na sociedade é trazida ao centro das práticas de leitura (Coutinho, 2019, p.58-75).

Para alcançar esse objetivo, é relevante que as estratégias de ensino de literatura sejam reinterpretadas, permitindo que as instituições de ensino estabeleçam uma nova cultura literária que priorize no tempo escolar um espaço para a vivência do literário. Isso contribuirá de maneira mais eficaz para a formação de leitores críticos, capazes de levar suas vivências de leitura para outros contextos de suas vidas.

4.2 A influência das Histórias em Quadrinhos na formação do leitor

As histórias em quadrinhos (HQs) desempenham um importante papel na formação de leitores, funcionando como um instrumento eficaz de ligação entre os campos da literatura, da linguagem visual e do aprimoramento da habilidade de leitura. Elas têm sido identificadas como um gênero de fácil acesso e atraente para leitores inciantes. A união de componentes visuais e textuais proporciona uma leitura mais leve, agradável e cativante, algo especialmente relevante para crianças e jovens em fase de alfabetização e letramento. Paulo Ramos (2006), em seu artigo “É possível ensinar oralidade usando Histórias em quadrinhos?”,

destaca que a utilização do gênero HQs como recurso pedagógico para abordar a interação entre oralidade e escrita é plenamente viável. Ainda para Ramos, “cabe ao professor saber olhar para o objeto e extrair dele tudo o que for pertinente e relevante à sua realidade de ensino (Ramos, 2006, p.8).

Levando em consideração essa análise que Ramos destaca, pode-se interpretar que a apreciação e utilização de histórias em quadrinhos auxilia na interpretação textual, na oralidade, também na escrita, pois os leitores desenvolvem e aprimoram habilidades leitoras com o auxílio de imagens e estratégias cognitivas como a inferência, a contextualização e linguagem híbrida presentes no gênero.

A experiência de leitura com a natureza lúdica das histórias em quadrinhos estimula o envolvimento dos jovens leitores. Personagens cativantes, enredos dinâmicos e temas variados possibilitam que as histórias em quadrinhos tratem de assuntos do dia a dia, fazendo com que os leitores se reconheçam e se interessem pela leitura. Esta participação inicial pode atuar como um impulso para outros gêneros textuais, inclusive a literatura, expandindo o conhecimento cultural e literário do indivíduo.

Segundo Vergueiro (2017), o formato sequencial das histórias em quadrinhos promove a conexão entre imagens e palavras, o que é essencial para o aprimoramento das competências iniciais de leitura. Além disso, as histórias em quadrinhos oferecem uma variedade de linguagens e estilos que instigam os leitores a decifrar variados tipos de texto, desde as falas das personagens até as onomatopeias e legendas. Este procedimento favorece o letramento visual, uma habilidade necessária no mundo atual, onde a interpretação de imagens é tão importante quanto o entendimento textual (Vergueiro, 2017, p.81-95).

Pina (2014), observa que a linguagem dos quadrinhos tem o potencial de resgatar um interesse que se perdeu ao longo do tempo pela leitura dos clássicos. A literatura em quadrinhos pode servir como uma ponte para conectar “as obras canônicas” “aos leitores internautas deste século XXI”. De acordo com Pina, os quadrinhos empregam “estratégias visuais de narrativa que encenam estratégias literárias e/ou cinematográficas, recursos fotográficos e de computação gráfica” (Pina, 2014, p. 34). Suas imagens, por serem “estáticas e por promoverem a interação entre elementos variados”, conseguem “captar” e prender a atenção do leitor de maneira mais intensa. As características próprias “da linguagem dos quadrinhos desempenham um papel persuasivo”, justamente por serem combinadas de forma a produzir os efeitos almejados pelos autores. Apesar de não oferecerem uma reprodução integral do texto original — algo que reflete a criatividade do adaptador —, as adaptações literárias para os quadrinhos têm o poder de atrair crianças e jovens ao universo

impresso. Elas os incentivam a explorar edições visuais caprichadas, dedicando seu tempo à apreciação dos traços, das cores e dos balões enquanto percorrem o papel com olhos fascinados (Pina, 2014, p.34).

Certamente, as HQs estimulam e desenvolvem as habilidades diversas incentivando a formação leitora do público que as utilizam. Nessa mesma perspectiva, se expressa Alves (2001):

A leitura de histórias em quadrinhos pode contribuir para a formação do gosto pela leitura porque ao ler histórias em quadrinhos a criança envolve-se numa atividade solitária e não movimentada por determinado período de tempo, que são características pouco frequentes nas atividades de crianças pré-escolares ou no início da escolarização. Também porque, estando mais próximas da forma de raciocinar destas crianças, elas podem mais facilmente lê-las, no sentido de retirar delas significados, o que seria menos provável com outros tipos de leitura. Além disso, pode-se esperar que uma criança para quem a leitura tenha se tornado uma atividade espontânea e divertida, esteja mais motivada a explorar outros tipos de textos (com poucas ilustrações), do que uma criança para quem esta atividade tenha sido imposta e se tornado enfadonha (Alves, 2001, p.7).

Para Santos e Ganzarolli (2011), “a utilização dos quadrinhos pode ser de grande importância para iniciar a criança no caminho que leva à consolidação da prática e do prazer de ler.” Para as autoras, a formação de leitores ocorre de forma gradativa, ou seja, do contato com diferentes objetos de leitura até as leituras mais complexas (Santos. Gazarolli, 2011, p. 67).

De acordo com Mendonça (2002), as HQs podem ser situadas “numa verdadeira ‘constelação’ de gêneros não-verbais ou icônico-verbais assemelhados.” Entre os que circulam na mídia escrita, a autora cita, “de acordo com a ordem de surgimento, a caricatura, a charge, o cartum, as próprias HQs e as tiras” (Mendonça, 2002, p. 197). Além dessas categorias citadas por Mendonça, as histórias em quadrinhos modernas, como as graphic novels e mangás, têm expandido o público-alvo de leitores e o tornado mais sofisticado, atraindo também leitores adultos. Frequentemente, esses trabalhos combinam narrativa literária e visual, demandando, do leitor um alto grau de interpretação e análise crítica. Esta vivência auxilia na preparação de leitores mais aptos a entender os desafios da comunicação midiática e literária.

Dessa forma, as histórias em quadrinhos, além de proporcionarem entretenimento, têm um papel fundamental na formação de leitores, particularmente entre a juventude. A habilidade de combinar texto e imagem, tratar de temas diversos e fomentar a reflexão crítica fazem delas uma ferramenta valiosa tanto no contexto escolar quanto fora dele. Utilizar HQs como ferramenta pedagógica pode expandir, consideravelmente, o universo de leitura dos alunos e auxiliar na construção dos mesmos como cidadãos críticos.

O encontro entre os clássicos da literatura e suas adaptações em HQs pode abrir caminhos para a geração leitora contemporânea chegarr até aos textos da literatura clássica nacional, possibilitando à essa geração se apropriar de bens culturais da nossa tradição literária.

Foi percebendo o impacto pedagógico que o fenômeno das HQs pode promover na leitura do literário e acreditando na importância do professor como intermediador e mesmo moderador entre os novos suportes de leituras e o texto literário clássico, que se teve a ideia de criar um projeto de leitura para convidar o aluno a entrar em contato com clássicos nacionais por meio das histórias em quadrinhos. O próximo capítulo apresenta a experiência docente no processo de formação de leitores por meio do trabalho com as adaptações de clássicos da literatura nacional em HQs.



Fonte: Barbosa, Maria Sônia. Trecho do clássico literário *A Moreninha*, versão adaptação em História em quadrinhos, p.23.

5 – Relato de Experiência sobre Leitura de clássicos literários adaptados em histórias em quadrinhos no ensino fundamental II: uma vivência em sala de aula

A literatura é uma das mais antigas e mais duradouras manifestações do espírito humano. (Ana Maria Machado)

“Como despertar o gosto pela leitura em meus alunos e fazer com que eles tenham prazer no ato de ler?”, é uma pergunta recorrente e constante na vida do professor de Língua Portuguesa e Literatura da educação básica. Professora de Língua Portuguesa do Ensino Básico a mais de uma década, estas questões sempre me incomodaram e despertaram em mim, o desejo de trazer para minhas aulas de literatura propostas que pudessem mobilizar, eficazmente, a leitura do texto literário em sala de aula.

A oportunidade de desenvolver um projeto de leitura, visando o letramento literário, surgiu quando chegaram, à biblioteca da escola onde leciono, uma variedade de obras adaptadas dos clássicos nacionais. Os exemplares desses textos eram suficientes em relação à quantidade de alunos na sala de aula e vi nessas adaptações de obras literárias para a linguagem das histórias em quadrinhos uma boa estratégia de ensino na formação de leitores literários. Foi assim que surgiu a ideia de aliar este gênero textual a minha prática pedagógica.

Em meio ao cenário atual, marcado pelas diferentes linguagens e pela multimodalidade dos textos, as histórias em quadrinhos aparecem como uma ferramenta pertinente para o trabalho com crianças e jovens no processo de ensino e de aprendizagem, pois, além de ter popularidade no universo do público infantil e juvenil, possuem uma linguagem simples, própria, singular, que conjuga recursos verbais e não verbais, sendo uma forma de comunicação muito rica, que requer do leitor uma vasta participação para a construção de sentidos.

Sendo assim, o projeto de leitura desenvolvido teve como objetivo geral promover estratégias que contribuíssem para o desenvolvimento da leitura e escrita de alunos do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Interventor Alcides Lins, da cidade de Curvelo, estado de Minas Gerais, através de um trabalho voltado à utilização do gênero história em quadrinhos, numa perspectiva de multiletramentos – letramento literário e letramento das narrativas gráficas em quadrinhos - na formação de leitores.

Roxane Rojo, em *Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social* (2009), define os múltiplos letramentos como múltiplas estratégias de utilizar a leitura e a escrita, absorvendo tanto as práticas da cultura escolar e suas formas dominantes, como também as práticas

culturais e sociais locais e populares com as quais alunos e educadores estão envolvidos, bem como os produtos da cultura de massa. Para Rojo exercer a prática dos letramentos múltiplos significa deixar de “ignorar ou apagar os letramentos das culturas locais de seus agentes (professores, alunos, comunidade escolar), colocando-os em contato com os letramentos valorizados, universais e institucionais” (Rojo, 2009, p. 107).

O projeto de leitura também teve como objetivos específicos: I - Apresentar a diversidade de gêneros que estão abrigados no gênero história em quadrinhos; II - Desenvolver atividades, utilizando a leitura e escrita dirigida de HQs e tirinhas, considerando sua multimodalidade; III - Verificar e refletir em que medida a utilização dos quadrinhos podem contribuir para o desenvolvimento das práticas de leitura e escrita nas aulas de literatura; IV - Despertar o interesse pela leitura e escrita de quadrinhos.

A partir da observação ativa, nas turmas 8º e 9º anos, houve uma prática de intervenção pedagógica do trabalho de leitura, realizada por mim, professora pesquisadora. A prática da leitura interventiva foi baseada em atividades do livro didático adotado, em uma sequência didática, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular e com o objeto principal dessa pesquisa, as versões adaptadas em quadrinhos dos clássicos literários, disponibilizadas pela biblioteca da escola.

Vergueiro (2005) observa que as histórias em quadrinhos podem ter um papel considerável no processo educativo de formação de leitores:

Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura— a idéia preconcebida de que as histórias em quadrinhos colaboravam para afastar as crianças e jovens da leitura de outros materiais foi refutada por diversos estudos científicos. Hoje em dia sabe-se que, em geral, os leitores de histórias em quadrinhos são também leitores de outros tipos de revistas, de jornais e de livros. Assim, a ampliação da familiaridade com a leitura de histórias em quadrinhos, propiciada por sua aplicação em sala de aula, possibilita que muitos estudantes se abram para os benefícios da leitura, encontrando menor dificuldade para concentrar-se nas leituras com finalidade de estudo (Vergueiro, 2005, p. 23).

Assim, o desenvolvimento de um projeto de leitura com a utilização das HQs poderia trazer ganhos pedagógicos em prática docente de Língua Portuguesa/Literatura. Para além do vislumbre desses ganhos pedagógicos na realização deste projeto, é imprescindível uma justificativa de natureza pessoal para sua idealização.

No ambiente escolar, nas interações interpessoais entre professor e estudante, é importante estabelecer situações que incluam práticas de leitura e escrita, abrangendo diversas linguagens, tais como verbal, visual e digital. Isso se deve ao fato de que as ações humanas ocorrem em práticas sociais que requerem o entendimento dessas linguagens. Contudo, em sala de aula, um dos desafios que tenho enfrentado é a falta de interesse dos estudantes nas

tarefas de leitura e escrita. Apenas o fazem por dever e/ou em troca de notas, de pontuação. Ao notar as barreiras que frequentemente dificultam o progresso da leitura e interpretação; e também movida pelo desejo de implementar um projeto que introduzisse e envolvesse os estudantes no fascinante mundo da leitura, surgiu a proposta de abordar a leitura de clássicos literários por meio de adaptações em histórias em quadrinhos, no ambiente escolar.

Nas aulas de Português, é possível introduzir os estudantes na leitura de histórias em quadrinhos por meio do estudo dos gêneros textuais. Ao discutir charges, cartuns, tirinhas e poemas visuais, o educador pode introduzir a análise em histórias em quadrinhos. Dessa forma, primeiramente, como estratégia para introduzir os quadrinhos em sala de aula, realizei uma avaliação diagnóstica do interesse e preferências de leitura dos estudantes. Em seguida, introduzi diversos tipos de publicações, tais como revistas de super-heróis da Marvel, HQs da Turma da Mônica, mangás, entre outros, como primeiro contato para os estudantes. Este primeiro contato foi fundamental para identificar as preferências dos estudantes e o interesse pela leitura em geral.

Muitos já tinham o hábito de ler gibis e revistinhas e costumavam pegar esse tipo de leitura na biblioteca da escola. Ao observar esse interesse dos alunos, pela leitura que conjuga linguagem verbal e não verbal, tive a ideia de apresentar os clássicos literários disponíveis na escola. Eles olhavam meio ressabiados, relatando que gostavam da “Turma da Mônica” ou que adoravam os “Vingadores”, que foram alguns dos exemplares levados. Após esse primeiro momento de aproximação com os quadrinhos na sala de aula, recolhi o material e iniciei a aula, questionando-os sobre aquelas revistas, o que eram, se gostavam, quando começaram a lê-las e por fim, perguntei se saberiam dizer em qual gênero os quadrinhos se encaixavam. Exploramos todas as características do gênero HQ e sua estrutura. Em seguida, foi feita um momento de leitura livre, onde cada aluno fazia a leitura da revistinha escolhida. Esse momento de interação foi importante para a verificação dos saberes dos alunos, dúvidas e também para que as relações interpessoais se estreitassem, de modo que a aula ocorresse de maneira atrativa e servisse para instruí-los e sanar o máximo de dúvidas possíveis.

Já havia observado que alguns alunos apresentaram a leitura de HQs como o tipo de leitura favorita, apesar disso, passei a notar que quando levava os textos em quadrinhos, principalmente os humorísticos, apenas um pequeno grupo conseguia identificar o humor, muitas vezes ignoravam a relação verbo-visual e só compreendiam após comentários e explicações minhas. Então, pensei que explorar a potencialidade dos quadrinhos seria uma ótima oportunidade de trabalhar leitura, escrita, habilidades básicas exigidas na BNCC, bem como as especificidades da linguagem dos quadrinhos e a multimodalidade dos textos de

maneira mais atenta.

Sendo assim, em 2023, no início do ano letivo, propus uma atividade diferente com os alunos do Ensino Fundamental II: a leitura de clássicos da literatura universal adaptados para histórias em quadrinhos. O projeto foi idealizado com o objetivo de aproximar os alunos de obras literárias consagradas, muitas vezes consideradas “difíceis” ou “distantes” por eles, utilizando um formato mais visual e dinâmico que despertasse o interesse pela leitura das obras clássicas e facilitasse a compreensão das mesmas.

Dentre os vários objetivos já elencados, tive a intenção de introduzir os alunos à literatura clássica de forma acessível, estimulando a interpretação de texto e análise crítica, com a finalidade de promover o letramento literário por meio do visual das HQs e criar um ambiente mais acolhedor e inclusivo.

O projeto foi implementado em etapas. Em um primeiro momento, apresentamos os clássicos em sua origem impressa e suas versões em quadrinhos, explicando brevemente o contexto de publicação de cada obra. Em seguida, os alunos foram organizados em grupos para leitura coletiva e discussão. A apresentação do clássico em sua versão original impressa, atendeu as considerações de Cosson de que “não há letramento literário sem o contato direto do leitor com a obra, ou seja, é preciso dar ao aluno a oportunidade de interagir ele mesmo com as obras literárias” (Cosson, *apud* Glossário ceale.fae.ufmg.br). Assim, buscamos atender as orientações de Cosson para que houvesse o desenvolvimento de habilidades e competências literárias, atingindo o objetivo do letramento literário. Portanto, nossa intenção não era substituir o texto literário, mas acrescentar a ele os recursos da narrativa gráfica sequencial, acrescentando a ele informações visuais.

Após, a apresentação da versão original dos clássicos, o trabalho foi iniciado a partir da apresentação da obra adaptada em quadrinhos *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, para as turmas de 8º anos. Inicialmente, nos primeiros dias, fizemos uma roda de leitura em sala de aula e, posteriormente, ampliamos a leitura para a parte externa da sala, no bosque da escola. Na primeira etapa, cada aluno escolheu os personagens que queriam interpretar e ler as falas, em seguida prosseguimos com a leitura coletiva e interpretada. A cada dia, alternávamos os alunos que interpretariam os personagens, de modo que todos pudessem ler e ter contato com a história.

Na segunda etapa, depois da leitura finalizada, foi feito um debate sobre as obras lidas. Nesta etapa, percebi que a maioria dos alunos se interessou pela leitura da versão adaptada, pois eles tiveram maior engajamento no processo, maior participação e sentiram-se mais confiantes na leitura. Esta confiança de leitor foi facilitada pelas imagens, que muitas vezes,

facilitavam a compreensão da história. Ao fazer essa observação, percebi que podia expandir esse projeto de leitura para as turmas dos 9º anos e escolhi outras obras para os 8º e 9º anos.

Dando sequência ao trabalho com as adaptações dos clássicos em HQs, escolhi a adaptação da obra *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo para as turmas de 8º anos do turno vespertino, enquanto os alunos das turmas dos 9º anos, turno matutino, liam a HQ de *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo. Fizemos leitura coletiva, leitura protocolada com interpretações e explicações. Durante o processo dessas leituras, inserimos um pouco do contexto histórico das obras analisadas e debatemos a história no final da leitura. Foi um momento de vasto e profundo aprendizado, no qual os alunos pontuaram seus posicionamentos e reflexões sobre as obras lidas.

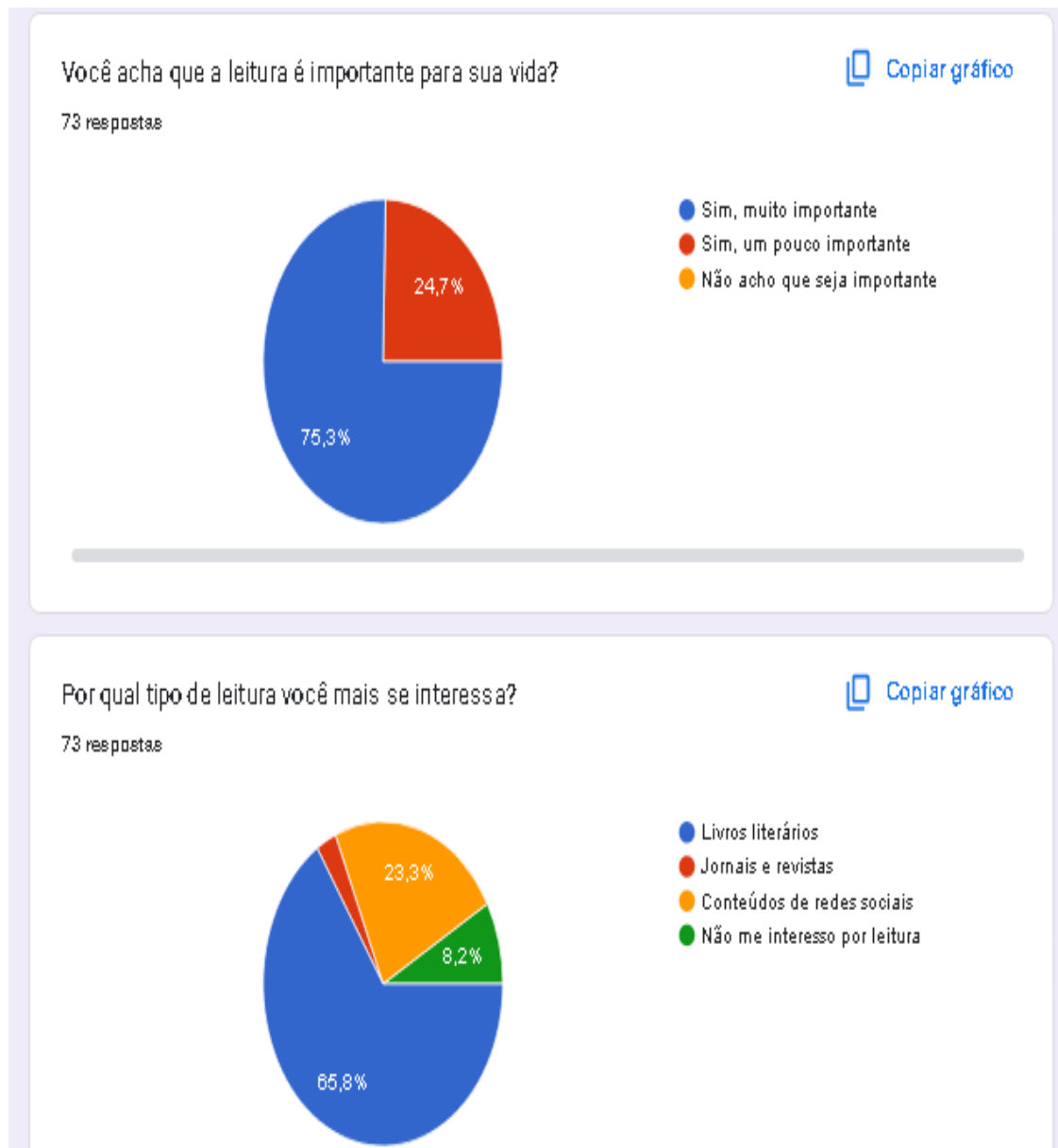
Durante os debates, na segunda etapa, foi realizado a análise de diversos temas, de acordo com as obras lidas. Por exemplo, na adaptação em quadrinhos de *Dom Quixote*, os alunos discutiram questões como o conflito entre o real, o ideal e o social, o limite entre o heroísmo e a fantasia, a relação de amizade entre Dom Quixote e Sancho Pança, dentre outras; na adaptação de *A Moreninha*, foi discutido sobre o amor idealizado e puro, sobre fidelidade, sobre os costumes da sociedade da época, fazendo um paralelo à sociedade atual; na adaptação de *O Cortiço*, discutiu-se sobre desigualdade social, a busca pela ascensão social, sobre a visão patológica do comportamento sexual, a zoomorfização e a influência do meio nas pessoas, fazendo um paralelo também com a sociedade atual.

Na etapa final, os alunos foram incentivados a criar suas próprias histórias curtas em quadrinhos, inspiradas nos temas dos clássicos, como uma forma de reforçar a compreensão e desenvolver a criatividade. Esta atividade possibilitou aos alunos desenvolver seus talentos artísticos por meio da linguagem visual.

Vários benefícios foram observados, como maior engajamento dos alunos, visto que a maioria deles relatou que a leitura das HQs foi mais prazerosa e mais rápida; com maior facilidade na compreensão dos temas abordados, pois a combinação de texto e imagem ajudou a visualizar os cenários, emoções e ações dos personagens. Isto possibilitou o desenvolvimento do pensamento crítico, bem como a inclusão e acessibilidade dos alunos ao mundo ficção e da imaginação das obras clássicas.

Na finalização do projeto de leitura foi realizado um questionário com os alunos, no qual eles respondiam a diversas questões sobre as obras lidas e analisadas. A partir desse questionário, pude ter um feedback maior sobre a opinião dos estudantes, e isso, reforçou minha tese de que o processo de leitura, realizado em sala de aula com as versões adaptadas em quadrinhos dos clássicos da literatura, pode contribuir muito para o processo de formação

de leitores, para o letramento literário e para os multiletramentos, mostrando-se uma ferramenta pedagógica eficaz, não apenas para estimular o interesse pela leitura e pela literatura, mas também para promover habilidades diversas, como de interpretação, análise e habilidade interpessoais. Foram feitos alguns questionamentos aos alunos, conforme podemos analisar na figura 1 abaixo. As respostas dos alunos me fizeram alinhar ainda mais o projeto de leitura em sala de aula.



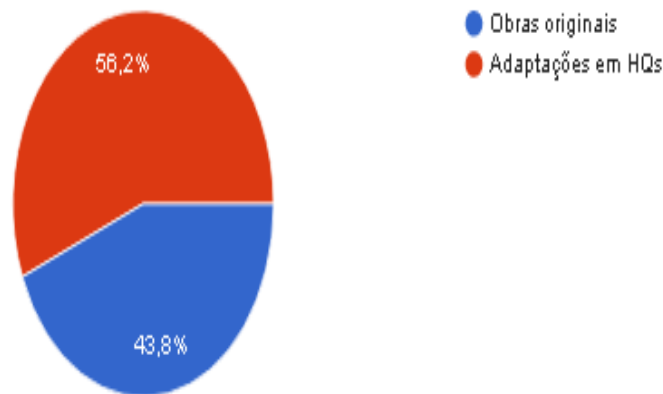
Com base nesta minha experiência docente, observou-se que o trabalho com o gênero textual história em quadrinhos apresentou resultados muito significativos, visto que os estudantes fizeram uma leitura coletiva e interpretativa dos clássicos; seminários e debates

com recriação oral das narrativas; recriaram e produziram HQs contemplando os mais diversos recursos utilizados pela linguagem dos quadrinhos – de forma criativa e eficiente, de acordo com a proposta – além de demonstrarem entusiasmo e motivação nos momentos de leitura dos clássicos em suas versões em HQs. Com base na figura 2 abaixo, pode-se concluir, portanto, que a utilização das versões adaptadas dos clássicos literários contribuiu de modo eficiente para a motivação e aproximação dos jovens leitores ao universo da leitura e da imaginação, atendendo ao letramento literário no ambiente escolar.

Você costuma ler obras originais ou versões adaptadas em HQs?

 Copiar gráfico

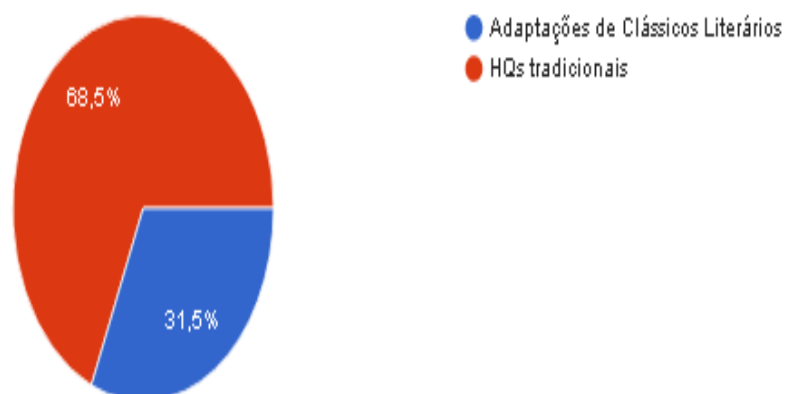
73 respostas



Quando você lê HQs, qual tipo você prefere?

 Copiar gráfico

73 respostas



Estabelecendo relações entre o clássico e as HQs, o professor pode iniciar os alunos na literatura, na leitura baseada no imaginário e no ato de ler por prazer sem que percebam. Não é intenção deste trabalho reduzir os outros gêneros textuais em relação às HQs, mas inseri-las no cotidiano das escolas como mais um recurso pedagógico para formação de leitores, pois as HQs têm ganhado mais espaço e reconhecimento na educação, servindo como suporte tanto nas aulas de Língua Portuguesa quanto nas de Literatura, uma vez que compartilham elementos comuns com diversas outras formas de linguagem, podendo assim expressar a arte da leitura e da escrita na formação de leitores.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS - APONTAMENTOS

Apesar de sua imensa popularidade junto ao público leitor jovem, crianças e adolescentes, e do número elevado de tiragens e revistas de histórias em quadrinhos, a leitura desse gênero textual foi durante muito tempo estigmatizada na sociedade, inclusive, no ambiente escolar. Não é equivocado falar que esta barreira pedagógica em relação às histórias em quadrinhos tenha deixado de existir, pois alguns docentes ainda resistem em adotá-las em suas práticas pedagógicas, mesmo elas estando disponíveis nas bibliotecas das escolas.

Certo é que as adaptações em quadrinhos ultrapassam o antagonismo que o pensamento convencional atribuiu a elas e torna-se uma ferramenta importante no processo dos letramentos e formação de leitores. Ao contrário do que muitos docentes e pedagogos acreditam, as HQs exercitam a criatividade e a imaginação do aluno, quando bem trabalhadas na sala de aula.

A linguagem das histórias em quadrinhos é dialógica e intertextual e sua construção textual gráfica, unindo o verbal e o visual, traz possibilidades de maior interação entre o aluno e o texto lido. Ao contrário do que o senso comum sugere, a utilização de cores, quadros, recursos estilísticos, linguagem mais simples e desenhos em adaptações em quadrinhos de romances proporciona aos novos leitores uma sensação de pertença à história lida, permitindo interações com a história, o contexto da escrita e o contexto contemporâneo da realidade dos leitores. Nesta visão de interação com a leitura e da intertextualidade presente nos textos, ler as obras literárias por meio da adaptação significa desdobrar, abrir caminhos para os múltiplos letramentos.

O texto adaptado para quadrinhos desperta diversos sentidos no leitor: ao atribuir novos significados ao texto original, o leitor revê suas expectativas, reorganiza seu repertório e instiga sua imaginação. Ao se apresentar como resultado de um processo de adaptação, favorece a comunicação entre o que se sabe sobre o texto adaptado e o que o novo texto pode revelar. As adaptações para os quadrinhos não reduzem a importância da obra literária. Elas criam um universo particular, moldado pela sua linguagem híbrida. Trata-se de leituras que instigam leituras. As adaptações são expressões artísticas, incentivam a imaginação e fomentam a atividade de leitura que requer uma postura crítica de leitor.

O uso de adaptações de clássicos literários em formato de histórias em quadrinhos (HQs) tem se mostrado uma tática eficiente na formação de leitores, particularmente entre os jovens e aqueles com menos contato com textos literários convencionais. Este recurso oferece

benefícios notáveis no letramento de leitores. Podemos destacar diversos benefícios das adaptações dos clássicos em HQs, tais como o uso do formato visual que é mais atraente e acessível para os jovens leitores, especialmente para aqueles que não têm o costume de ler; a fusão de texto verbal e imagem que desperta o interesse e simplifica a compreensão de temas mais complexos, encontrados nos clássicos literários; a simplificação da linguagem "arcaica" e "rebuscada" por uma linguagem mais simples, direta e contemporânea. Além disso, e este pode ser um dos maiores benefícios, a leitura no formato HQs pode motivar e despertar o interesse dos jovens leitores pela leitura dos clássicos em sua versão original, ampliando o repertório literário e também o vocabulário. Também podem estimular o desenvolvimento de múltiplas habilidades leitoras, que contribuem para os multiletramentos.

É inegável, no entanto, que uma parte da obra original se perde em cada adaptação realizada a partir dela, seja pela simplificação da história, eliminação de elementos relevantes ou perda de sutilezas estilísticas e simbólicas do estilo literário presentes nos textos clássicos. No entanto, sem ignorar estes pontos negativos, é importante destacar a utilidade que os clássicos reescritos podem proporcionar tanto ao educador quanto ao estudante. Nenhuma leitura de adaptações é divinizada; o que se espera é que o estudante tenha seu primeiro encontro de leitor com a obra clássica e posteriormente busque por ela em seu texto e contexto original, após ter sido despertado o seu interesse e sua curiosidade. Se não tiver a oportunidade de ler o original, pelo menos ampliará seu repertório, pois terá contato com a história original de maneira indireta, através da adaptação de um clássico.

O uso de adaptações de clássicos em histórias em quadrinhos é um recurso eficaz na formação de leitores, particularmente em ambientes educativos. Embora tenha suas limitações e desafios, o formato desempenha um papel importante na democratização do acesso à literatura e na promoção do interesse por obras de grande importância cultural e histórica. Pina (2014), faz uma importante inferência sobre o interesse dos leitores de hoje em relação aos clássicos. Em uma sociedade recheada de aparelhos eletrônicos e recursos da tecnologia digital, “os clássicos só ganham o coração, a mente e atenção dos pequenos e médios leitores, hoje, quando são (re)lidos pelo cinema, pela TV – e claro, pelos quadrinhos” (Pina, 2014, p.25). A autora observa que “se a leitura de *O Cortiço*, em sua forma-fonte é difícil para um estudante de sétima série, sua tradução quadrinística pode virar o jogo” (Pina, 2014, p.25).

Vergueiro (2005) diz que não existem regras para adotar as HQs como recurso educativo. Para o autor, “o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino” (Vergueiro, 2005, p.26). É essencial, no entanto, que o trabalho com

essas adaptações sejam acompanhadas de estratégias pedagógicas responsáveis que promovam a reflexão, a discussão e o aprofundamento do aprendizado dos alunos. Assim, as histórias em quadrinhos podem se estabelecer como uma ferramenta eficiente para o início da leitura e como um vínculo entre o prazer de ler e a apreciação das obras clássicas em sua totalidade.

Diante do exposto nessa pesquisa, é essencial que o professor seja um motivador, um mediador, desenvolva um trabalho voltado para a leitura e a escrita através da utilização das versões adaptadas dos clássicos literários em história em quadrinhos, pois estas propiciam um aprendizado eficaz no processo de formação de alunos mais críticos e reflexivos, contribuindo, assim, para a formação de leitores competentes e proficientes. A experiência docente de trabalhar os clássicos da literatura nacional em adaptações de histórias em quadrinhos mostrou ser possível alcançar uma comunidade de leitores capazes de fruir o literário tanto no formato-fonte quanto na experiência estética desse gênero textual moderno. Tal fato permite-nos concluir que se a escola e o professor é quem devem promover ao aluno o acesso ao conhecimento dos textos clássicos, ele deve estar atento aos múltiplos sistemas pelos quais a arte literária circula.

REFERÊNCIAS

ALVES, J.M. Histórias em quadrinhos e educação infantil. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.21, n.3, 2001. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br>>. Acesso em: 12 de outubro 2024

AULETE, Francisco J. Caldas; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. iDicionário Aulete: Letramento. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/letramento>>. Acesso em: 07 de novembro 2024.

AZEVEDO, Ricardo. Formação de Leitores e razões para a literatura. SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). In: **Caminhos para a formação do leitor**. 1.ed. São Paulo: DCL, 2004, p.38-47

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso** - por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BARBIERI, Daniele. **As linguagens dos quadrinhos**. São Paulo: Peirópolis, 2017. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/As_linguagens_dos_quadrinhos.html?id=X14yDwAAQBAJ&redir_esc=y Acesso em 06 de janeiro 2025.

BARBOSA, Maria Sonia. **A Moreninha**, Joaquim Manuel de Macedo; roteiro e adaptação Maria Sonia Barbosa; ilustrações Sebastião Seabra – Lajes, SC: La Fontaine, 2021.

BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Nº 9394/96. Brasília: 1996. In: _____. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Ministério de Educação e Cultura**. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/linguaportuguesa#competencias-especificas-de-lingua-portuguesa-para-o-ensino-fundamental>>. Acesso em: 14 de dezembro 2024.

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: Educ, 2003. Pág. 77-139

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pdf

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013, pág.224-262

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263.

CASTRILLÓN, Sílvia. **O direito de ler e de escrever**: Tradução: Marcos Bagno; São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.

CHANOINAT, Philippe, **Dom Quixote**, Miguel de Cervantes; adaptação Philippe Chanoinat, Djian; ilustração David Pellet; tradução Alexandre Boide. 3. Ed. Porto Alegre [RS]: L&PM, 2018.

CHINEN, Nobuyoshi. Quadrinhos e a Lei 10.639/03: uma proposta didática. **Revista Intersaberes**, 15(36), 874-890, 2020. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/>. Acesso em: 18 de novembro 2024.

COSCARELI, Carla Viana. “Gêneros textuais na escola”. In: **Revista Veredas**. Veredas on line – Ensino– 2/2007, UFJF, Juiz de Fora. Pág. 78-86. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25208>. Acesso 24 fevereiro 2025.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 13 edição. São Paulo: Contexto, 2022

COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. Letramento Literário. In: **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>>. Acesso em: 01 de março. 2025.

COSTA, Sérgio Roberto. “Leitura e escrita de hipertextos: Implicações didático-pedagógicas e curriculares”. In: **Veredas, revista de estudos lingüísticos**. Juiz de Fora, v. 4, n. 1, 2000. p. 43 a 49. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25331>. Acesso em 25 de janeiro 2025.

COUTINHO, Sônia Moreira. Letramento literário e formação do leitor no contexto escolar. **Revista de letras Juçara**, v. 3, n. 2, p. 58-75, 2019. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2089>. Acesso em: 16 de outubro 2024.

COUTINHO, Marília de Lucena . **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**, Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 47-69. Disponível em: < <http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/20.pdf> > Acesso em: 03 de

setembro 2024.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. 1ª ed. bras. São Paulo. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1999.

FOGAÇA, A. G. A Contribuição das Histórias em Quadrinhos na Formação de Leitores Competentes. **Revista PEC**, v. 3, nº 1. p. 121-131. Curitiba, jul-2002/jul2003. Disponível em: <<http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf>>. Acesso em: 09 de dezembro 2024

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam . São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. pdf

FURLAN, Cleide. “HQ e os Syndicates Norte-Americanos”. In: **Histórias em quadrinhos** (Leitura crítica). Sonia M. Bibe-Luyten (Organizadora). Editora Paulinas, 1984. Pág. 27-33.

GOMES, Raquel Salcedo. GOMES, Marcelo Salcedo. SILVA, Luciana Kraemer da. “Gêneros discursivos e tecnologias cognitivas” In: **Revista Prolingua**. V.13, nº1, maio/julho 2018. p. 90-98. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/42348/21079>. Acesso em: 12 de fevereiro 2025.

GONÇALVES, Adair Vieira. **Gêneros textuais na escola: da compreensão à produção** Dourados, MS: Ed.UFGD, 2011. pdf

GONÇALVES, Marina Leite. **Ler Machado / acessar Machado**: reinvenção do clássico machadiano no ciberespaço. 2017. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/5432>. Acesso em: 05 de abril 2025.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.

IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Roberto Antonio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Moderna, 1994.

JAF, Ivan. **O Cortiço**, Aluisio Azevedo, roteiro de Ivan Jaf; arte de Rodrigo Rosa, 1. Ed, São José dos Campos: Maxiprint, 2021.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Gêneros textuais. In: **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 101-122

LAIS, Cláudia. O uso dos gêneros digitais na sala de aula. **I SIMEDUC (Simpósio Internacional de Educação e Comunicação)**, 2010. Pág. 01-10. Disponível em https://geces.com.br/simposio/anais/wp-content/uploads/2014/04/GENEROS_DIGITAIS.pdf. Acesso em 20 de fevereiro 2025.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 1.ed. São Paulo: Ática, 2011.

LOBATO, L. C. R. **Gênero textual na metodologia de pesquisa em gramaticalização**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

LUYTEN, S. M. **O que é História em quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

MANZATTO, Antonio; CALDAS Filho Carlos R. Teologia e Literatura no Universo das Histórias em Quadrinhos. **Teoliterária**, v. 9, n. 18, p. 5-16, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/issue/view/2249>. Acesso em: 22 de janeiro 2025.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Textos na internet: os gêneros digitais emergentes**. São Paulo: Cortez, 2010.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MENDONÇA, M. R. S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, A. P. et al. (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. Pág. 194-207.

PAULINO, Graça. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. In: **Revista Portuguesa de Educação**. Universidade do Minho, 2004. p.47-62.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. **A Literatura em Quadrinhos Formando Leitores Hoje**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014. 90p. pdf

QUEIROZ, Andréa C. de B. O Pasquim: Embates Entre a Cultura Política Autoritária e a Contracultura. **Revista Eletrônica Cadernos de História**, vol. VI, ano 3, n.º 2, dezembro de 2008. Disponível em <<http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria>>. Acessado em 2 de janeiro 2025.

RAMOS, Paulo. É possível ensinar oralidade usando histórias em quadrinhos? **Revista Intercâmbio**, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3688>. Acesso em 06 de abril 2025.

REZENDE, Neide Luzia de. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; Rita, JOVER-FALEIROS (orgs.). **Leitura de literatura na escola**, São Paulo-SP: Parábola, 2013, p. 99-112. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002396105>. Acesso em: 21 de dezembro 2024.

REYES, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar-** Literatura, escrita e educação/Yolanda Reyes- tradução: Rodrigo Petrônio; São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, Roberto Elísio; VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. EccoS | 76 | **Revista Científica**, núm. 27, enero-abril, 2012, pp. 81-95. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002444866>. Acesso em: 28 de janeiro 2025.

SANTOS, Roberto Elísio; VERGUEIRO, Waldomiro. A Gazetinha e os suplementos de histórias em quadrinhos no Brasil. In: **Imaginário**, nº. 11 - Paraíba, dez. 2016. P.103-125 Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002770593.pdf>. Acesso em 26 de março de 2025.

SANTOS, Mariana Oliveira dos; GANZAROLLI, Maria Emilia. Histórias em quadrinhos: formando leitores. **Transinformação**, v. 23, p. 63-75, 2011. Disponível em <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6177/3881>. Acesso em 25 de março de 2025.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p.21-39.

SILVA, R. L. A Contribuição das Histórias em Quadrinhos de Super-Heróis para a Formação de Leitores. In: **Críticos. Anagrama**, 5 (1), 1-12. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2011.35596>: Acesso em: 15 de janeiro 2025.

SOARES, Ludmila Louslene; SOUZA, Rosy-Mary Magalhães de Oliveira. O letramento literário na formação do leitor. In: **Educação e cultura em debate**, v. 6, n. 2, p. 1-22, 2020.

Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/pdf. Acesso em: 17 de fevereiro 2025.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOLÉ, Isabel **Estratégias de leitura**. Porto Alegre, Artes Médicas. 1998

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gêneros orais: conceituação e caracterização. In: **Olhares & Trilhas**. Org. Luiz Carlos Travaglia. Uberlândia. vol. 19, n. 2 | jul./dez. 2017. Pág. 12-24. Disponível em <https://www2.ufjf.br/labor/files/2018/06/GO-Generos-Orais-caracterizacao-e-ensino-TRAVAGLIA-Luiz-Carlos.pdf> Acesso em 29 de março 2025.

VAL, M.G. Costa. **Redação e textualidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 p. 107-132.

VERGUEIRO, W. “A atualidade das histórias em quadrinhos no Brasil: a busca de um novo público.” In: **História, imagem e narrativas** N. 5, ano 3, setembro/2007. Pág. 01-20 Disponível em - <http://www.historiaimagem.com.br> Acesso em 06 de abril de 2025.

VERGUEIRO, W. O uso das HQs no ensino. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 07-64.

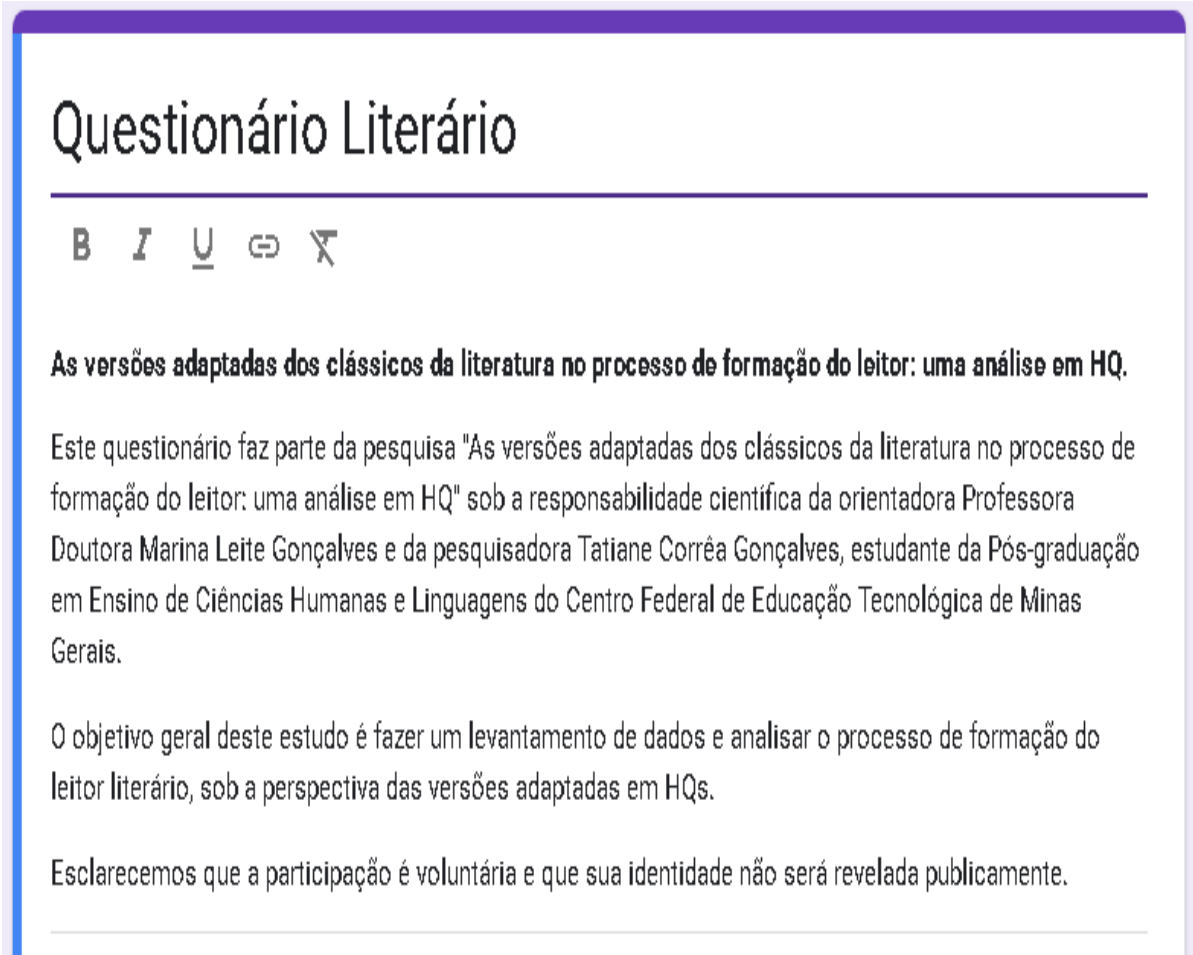
VERGUEIRO, Waldomiro. **Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil**. Editora Peirópolis LTDA, 2017.

APÊNDICE A

Questionário aplicado em sala de aula

O presente questionário foi elaborado na plataforma do Google forms, contém 24 perguntas, mesclando questões objetivas e discursivas com o intuito de fazer um levantamento de dados sobre o projeto de leitura realizado com os alunos das turmas trabalhadas. Ao todo foram coletadas 73 respostas. Foram selecionadas algumas respostas dos alunos para ratificar a realização do projeto executado. A seguir, uma apresentação mais detalhada dos resultados da pesquisa, com gráficos e respostas dos alunos das turmas que participaram do projeto.

Figura 1



The image shows a screenshot of a Google Forms questionnaire. The title is "Questionário Literário". Below the title is a horizontal line, followed by a toolbar with icons for bold (B), italic (I), underline (U), link (G), and unlink (X). The main text of the questionnaire is as follows:

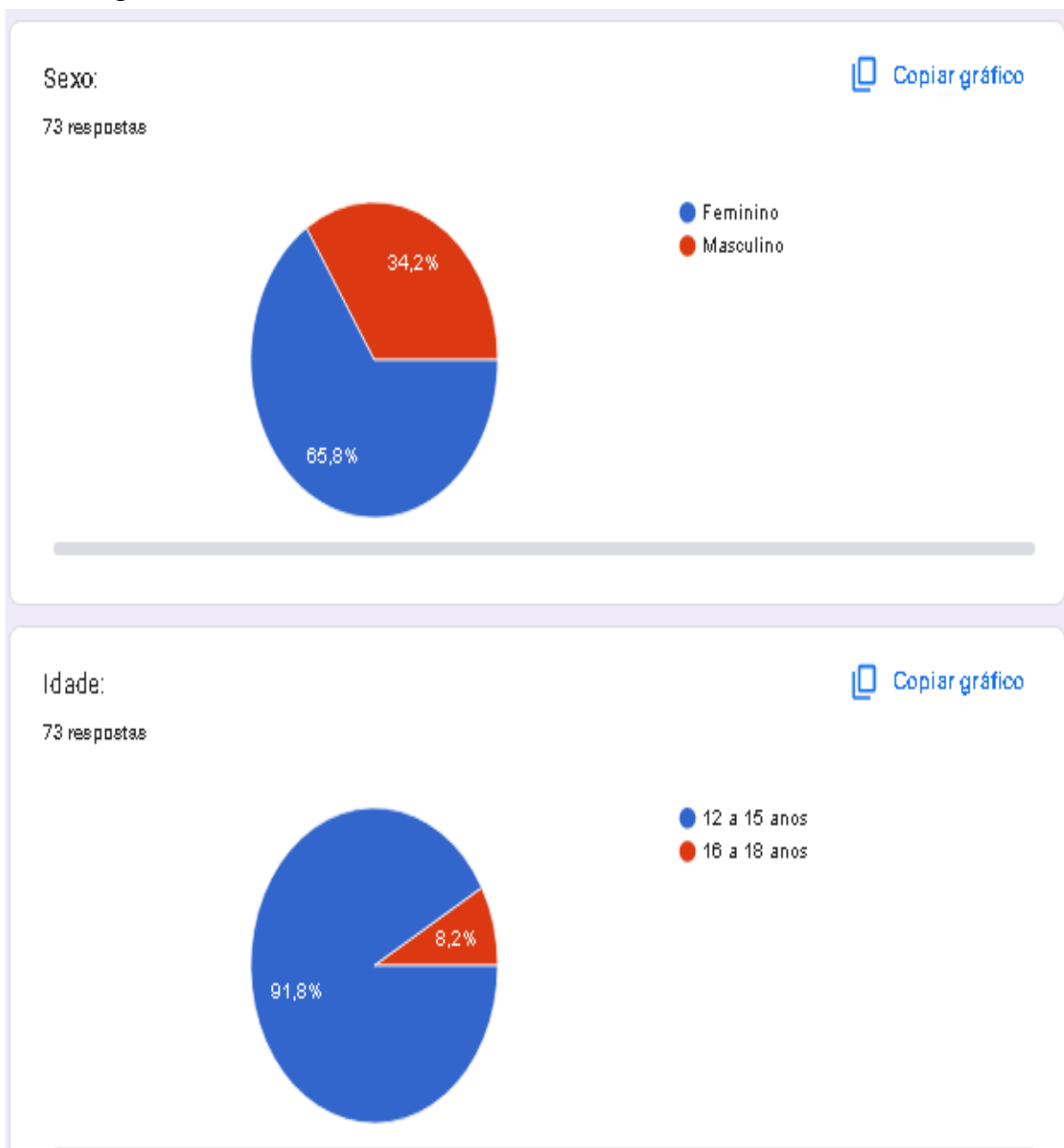
As versões adaptadas dos clássicos da literatura no processo de formação do leitor: uma análise em HQ.

Este questionário faz parte da pesquisa "As versões adaptadas dos clássicos da literatura no processo de formação do leitor: uma análise em HQ" sob a responsabilidade científica da orientadora Professora Doutora Marina Leite Gonçalves e da pesquisadora Tatiane Corrêa Gonçalves, estudante da Pós-graduação em Ensino de Ciências Humanas e Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

O objetivo geral deste estudo é fazer um levantamento de dados e analisar o processo de formação do leitor literário, sob a perspectiva das versões adaptadas em HQs.

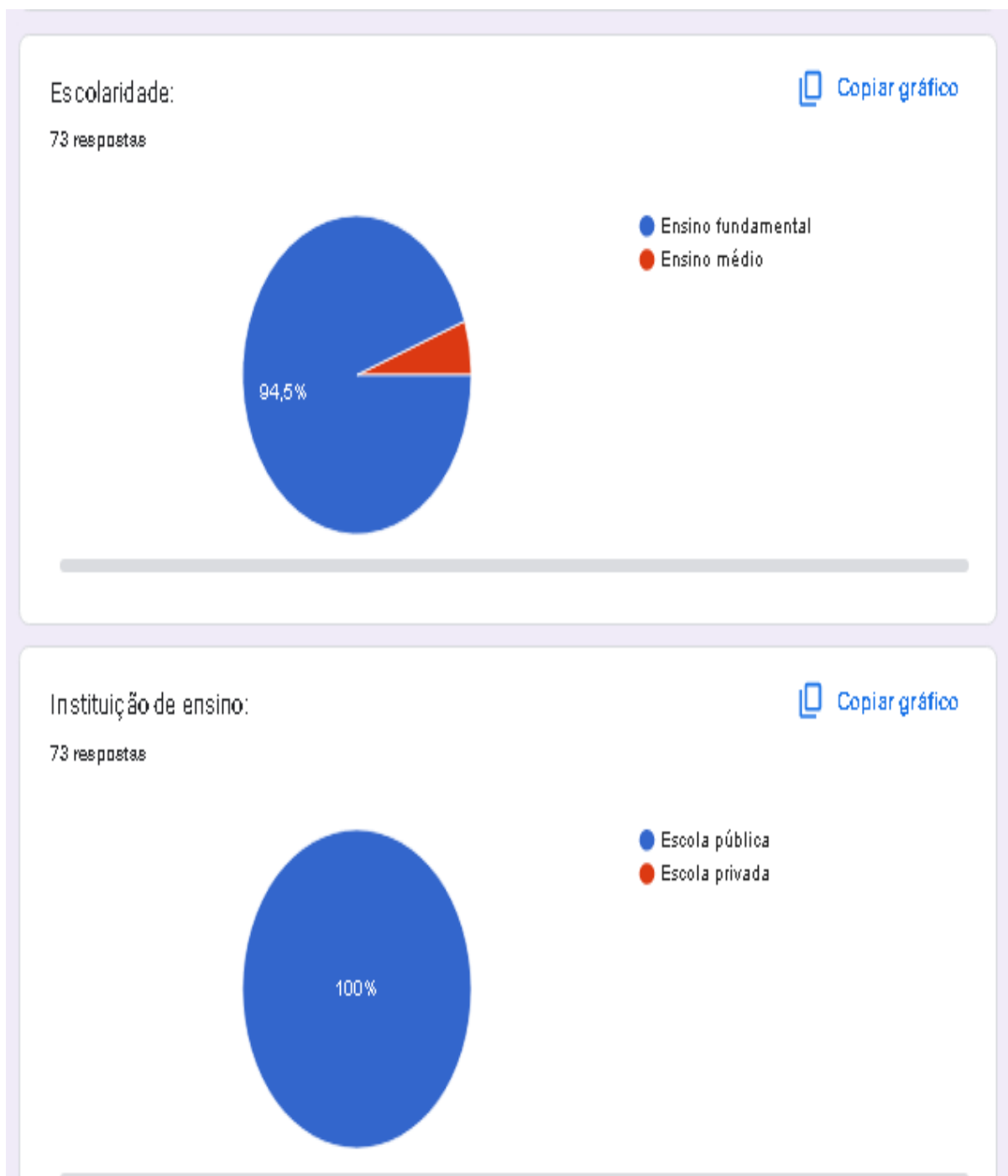
Esclarecemos que a participação é voluntária e que sua identidade não será revelada publicamente.

Figura 2: Sexo e idade



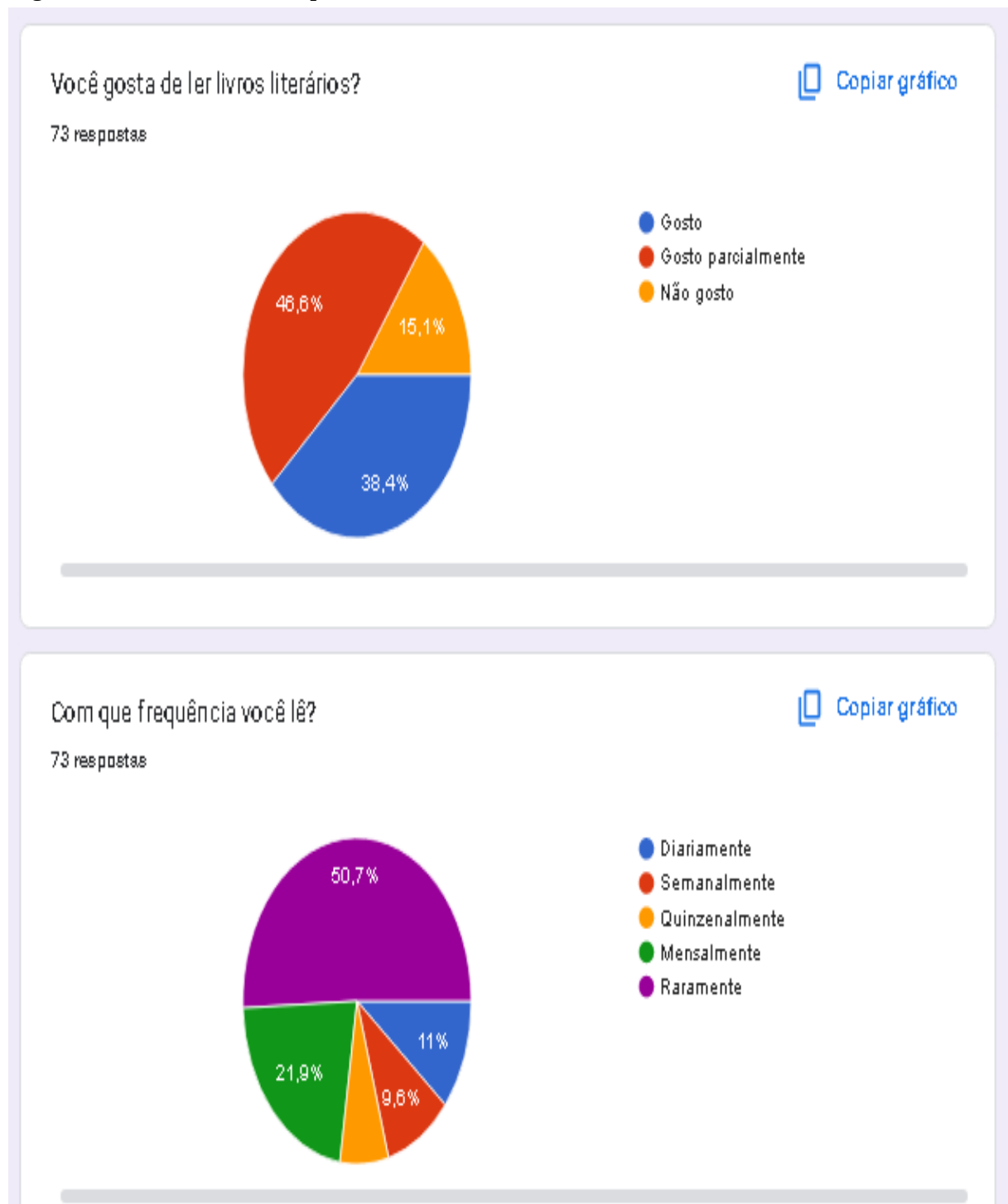
Fonte: dados da pesquisa (2024)

Figura 3: Escolaridade e Instituição de ensino



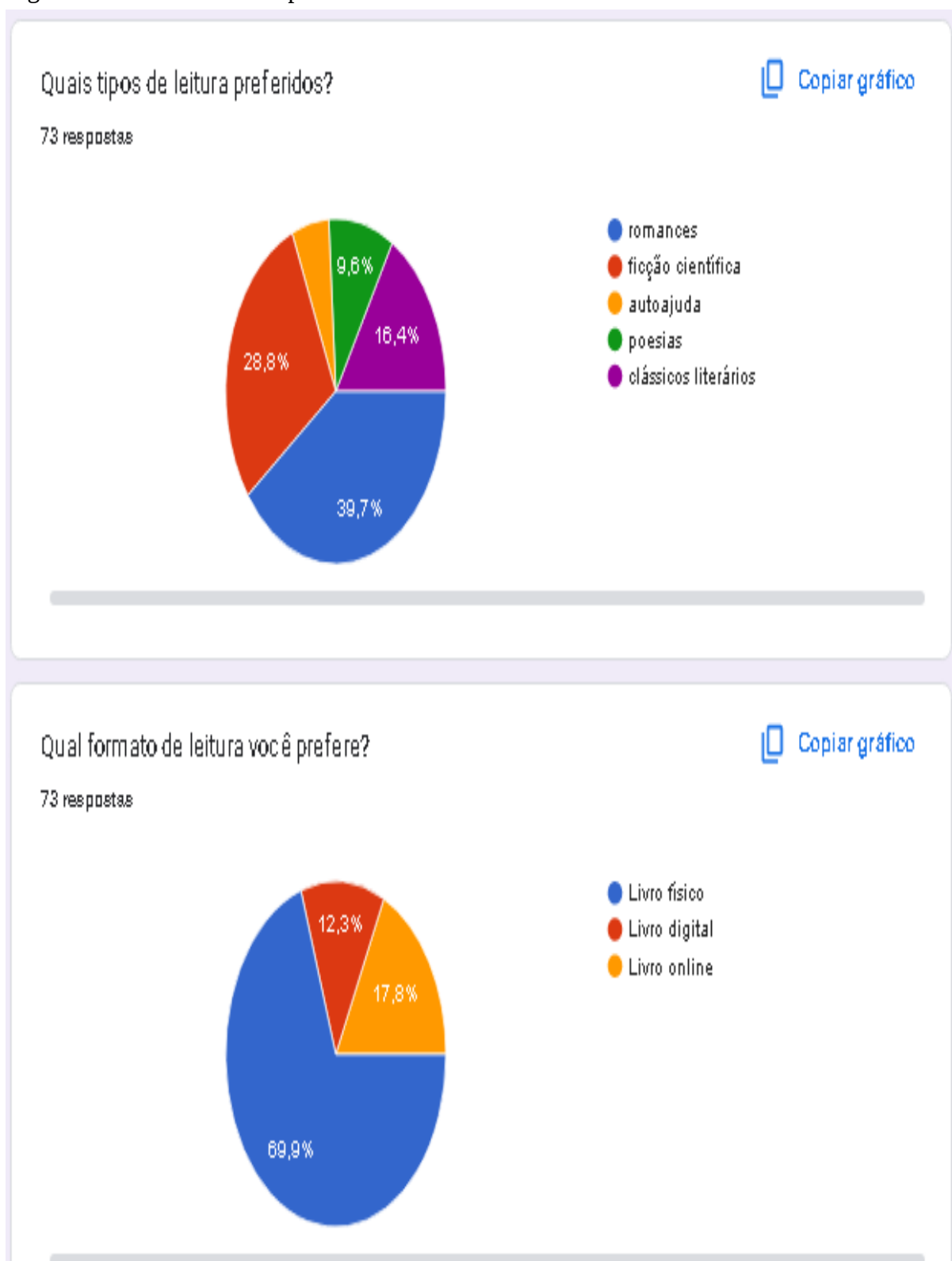
Fonte: dados da pesquisa (2024)

Figura 4: Percentual das respostas dos alunos entrevistados



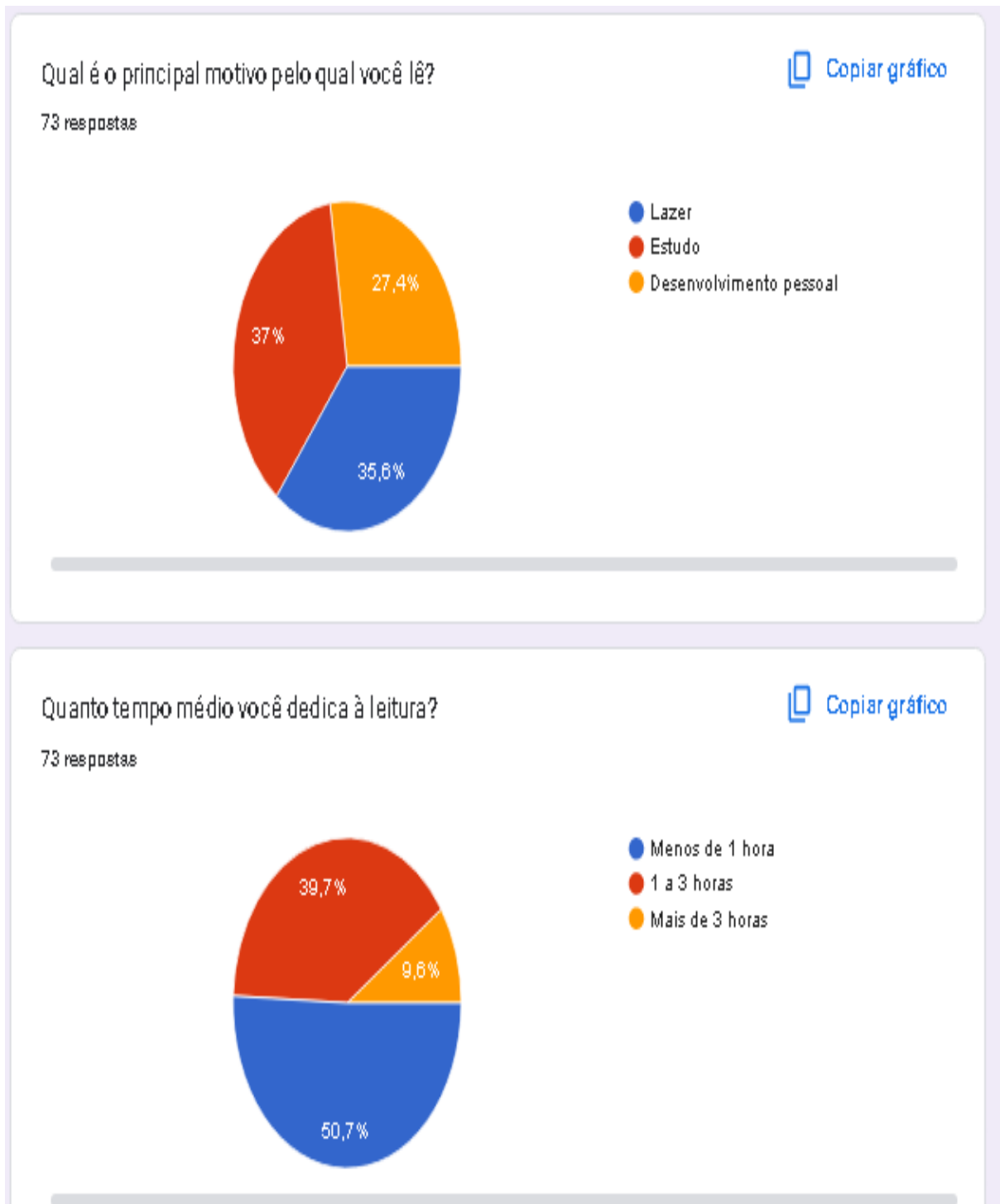
Fonte: dados da pesquisa (2024)

Figura 5: Percentual das respostas dos alunos entrevistados



Fonte: dados da pesquisa (2024)

Figura 6: Percentual das respostas dos alunos entrevistados



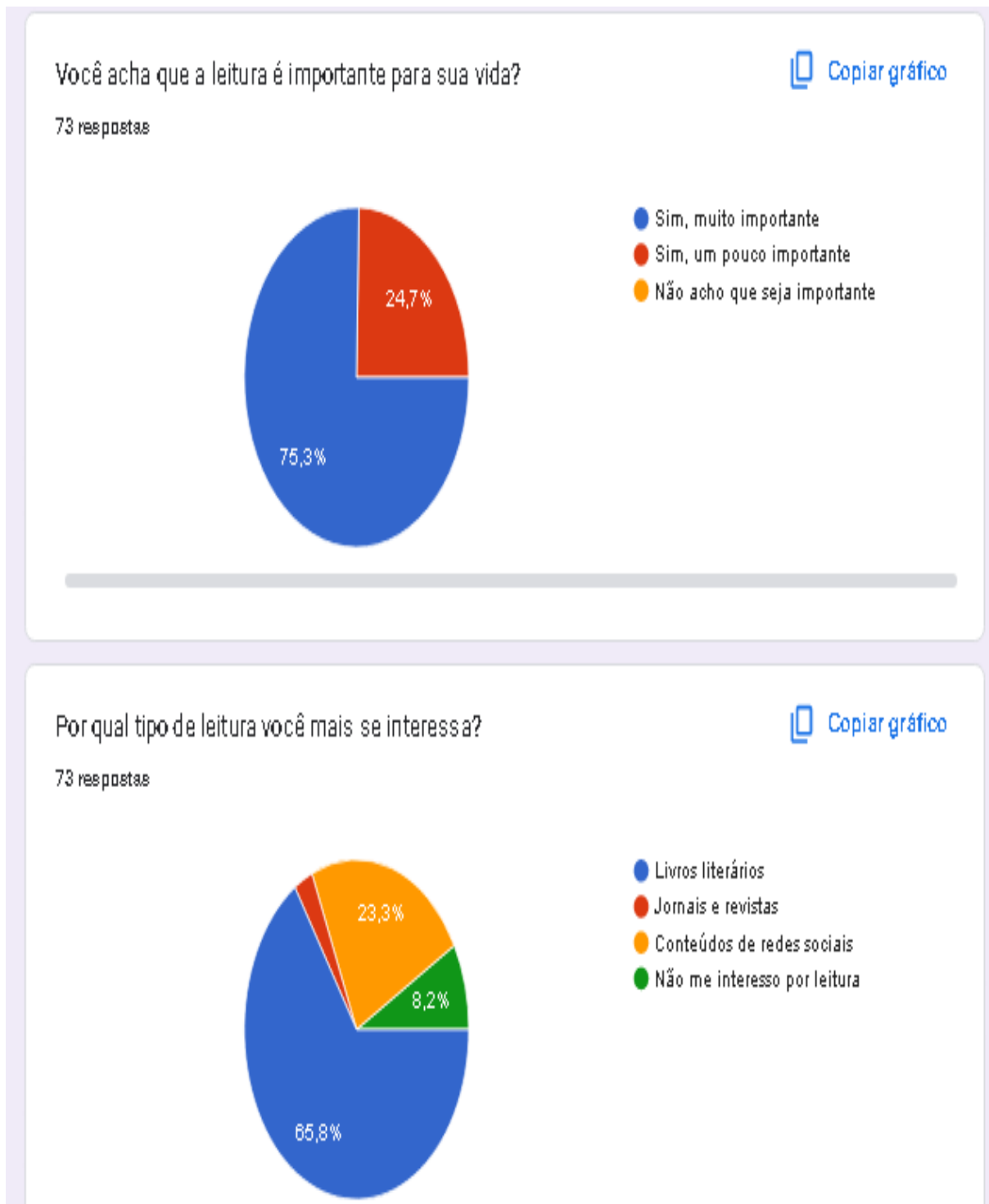
Fonte: dados da pesquisa (2024)

Figura 7: Percentual das respostas dos alunos entrevistados



Fonte: dados da pesquisa (2024)

Figura 8: Percentual das respostas dos alunos entrevistados



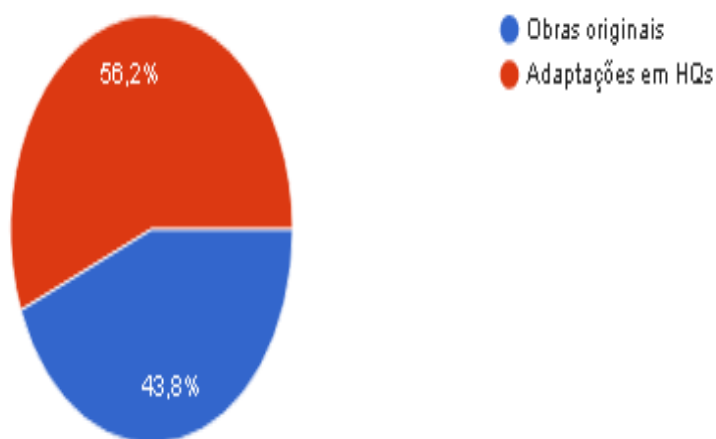
Fonte: dados da pesquisa (2024)

Figura 9: Percentual das respostas dos alunos entrevistados

Você costuma ler obras originais ou versões adaptadas em HQs?

 Copiar gráfico

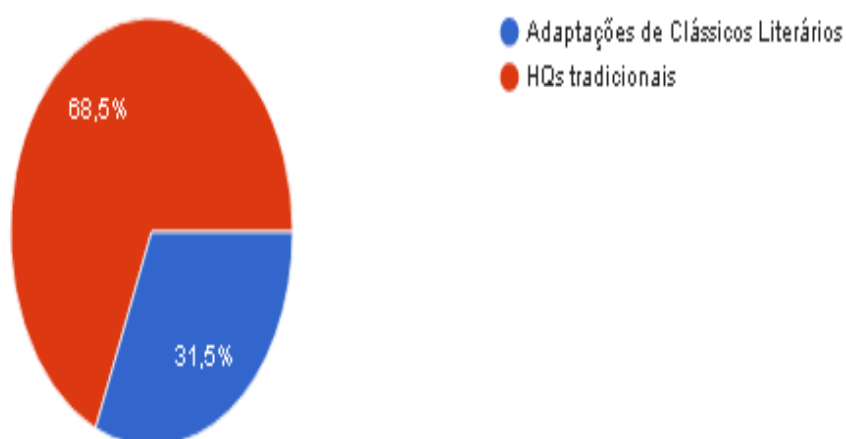
73 respostas



Quando você lê HQs, qual tipo você prefere?

 Copiar gráfico

73 respostas



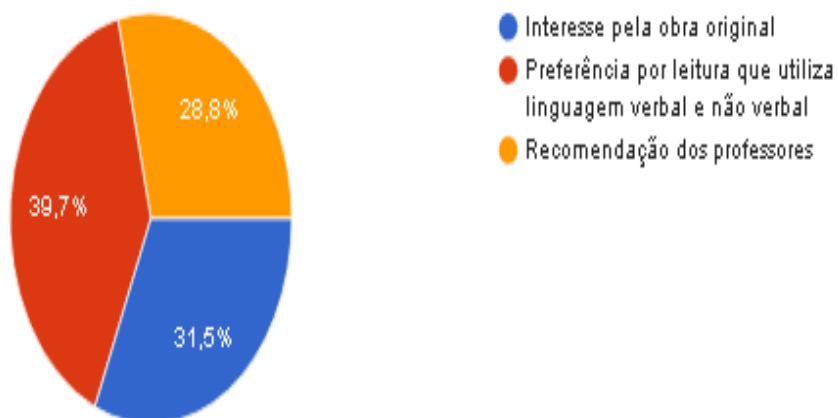
Fonte: dados da pesquisa (2024)

Figura 10: Percentual das respostas dos alunos entrevistados

Qual o principal motivo pelo qual você lê adaptações em HQs?

 Copiar gráfico

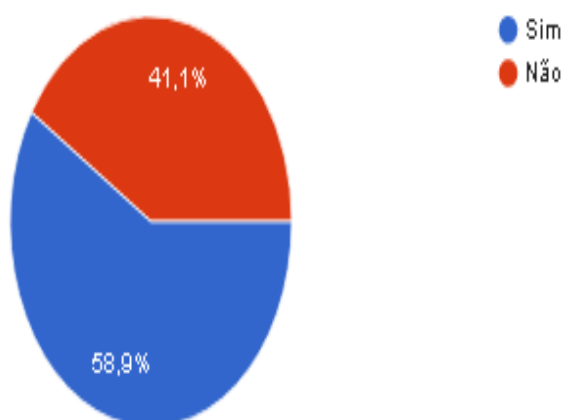
73 respostas



Você acha que a leitura de adaptações em HQs é melhor que a leitura do livro original?

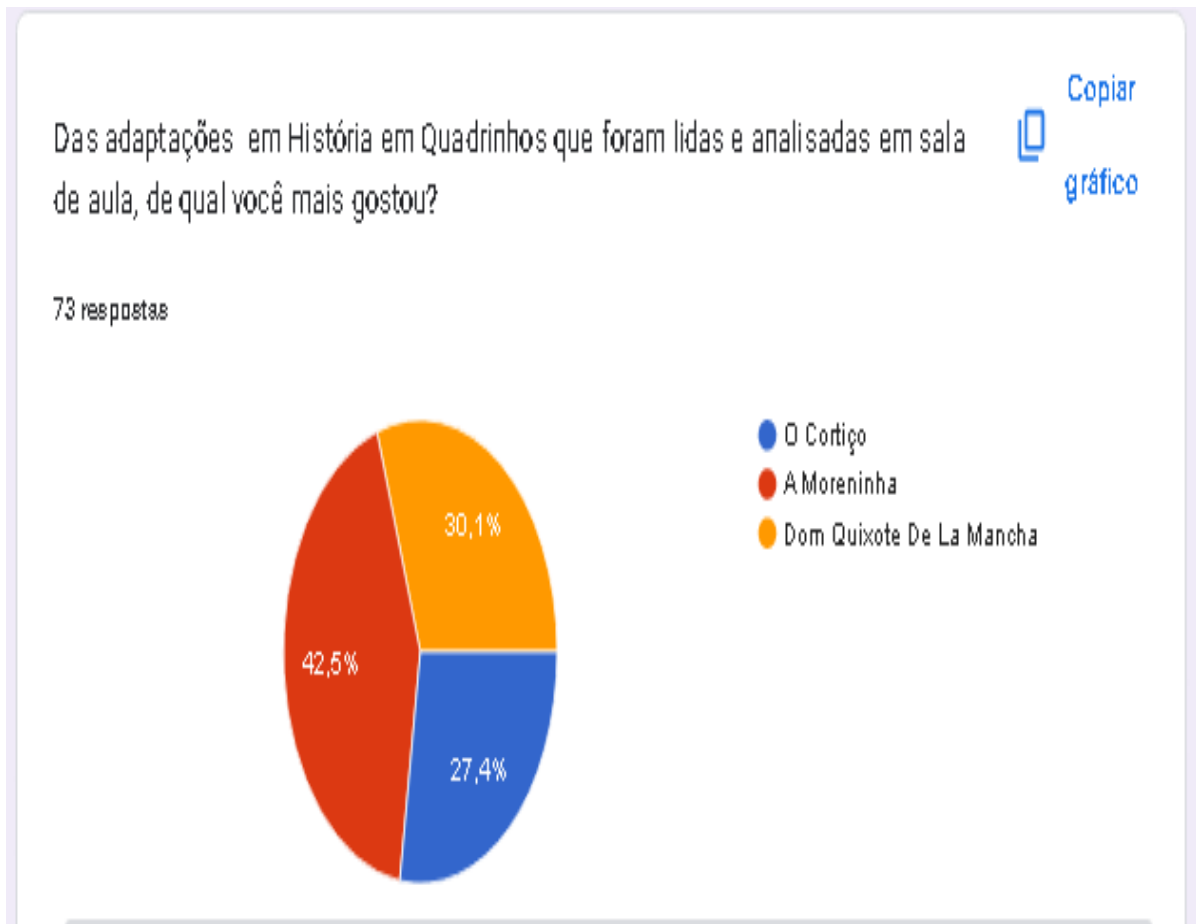
 Copiar gráfico

73 respostas



Fonte: dados da pesquisa (2024)

Figura 11: Percentual das respostas dos alunos entrevistados



Fonte: dados da pesquisa (2024)

É extremamente importante considerar as opiniões que foram dadas pelos alunos para, futuramente, fazer um aprimoramento das práticas pedagógicas, e por conseguinte, poder ampliar o projeto de leitura literária dos clássicos em sala de aula. Dentre todas as 73 respostas coletadas, foram coletadas 4 respostas para ilustrar alguns questionamentos feitos pela professora pesquisadora.

1- Qual diferença existe entre a leitura da obra original e a leitura da adaptação em quadrinhos?

- “A diferença entre a leitura da obra original e a adaptação em quadrinhos É principalmente no modo como a leitura contada e a experiência proporcionada ao leitor. A obra original geralmente oferece mais detalhes e profundidade com detalhes complexos, com reflexões dos personagens, nuances de linguagem e elementos que bloqueiam mais da imaginação do leitor. Já adaptação em quadrinhos, ao tentar simplificar a narrativa para o formato visual, pode omitir certos trechos, aprofundamentos e até personagens secundários para focar o essencial da história.”
- “A diferença é que ela apenas faz uma introdução para que o aluno quando maduro

intelectualmente possa se inserir no mundo dos clássicos.”

- “A principal diferença entre a leitura da obra original e a leitura da adaptação em quadrinhos é que a adaptação em quadrinhos é uma forma de aproximar o leitor de obras literárias clássicas, que podem não ser do interesse de leitores mais jovens.”
- “A diferença é que a adaptação perde um pouco da essência, da riqueza de detalhes, por ser menor.”

2- Na sua opinião, qual é a importância da leitura dos clássicos literários?

- “Então, ler os clássicos brasileiros pode até parecer chato, mas eles têm muito a ver com o que a gente vive hoje, sabe? Tipo, os problemas, as injustiças, os dramas... tudo isso que a gente vê nos livros antigos é meio que um reflexo do que rolava no Brasil naquela época, mas muita coisa ainda faz sentido. Tem livros tipo ,O Cortiço, A moreninha que falam de temas como amor, traição, inveja, desigualdade social, e até questões existenciais. Outra coisa legal é que esses livros ajudam a gente a entender de onde veio a nossa cultura, por que algumas coisas são do jeito que são. E, sério, quando você pega o jeito, a leitura nem é tão pesada assim. Pode até te dar umas dicas pra usar no Enem, porque saber sobre esses livros sempre dá uma impressão nos professores e nas redações. Então, no fim, os clássicos são tipo aquele conteúdo que parece difícil, mas vale a pena entender.”
- “Na minha opinião é importante para o aprendizado”
- “Na minha opinião é importante pois muitos clássicos literários retratam a cultura, e fazem críticas importantes a situações que vivemos, então tem uma grande importância ler para que essas obras possam não ser esquecidas.”
- “Não sei responder”

3- Na sua opinião, as adaptações dos clássicos literários tem ganhado mais espaço e influenciado jovens leitores? Justifique

- “Sim, as adaptações dos clássicos literários têm ganhado mais espaço e influenciado jovens leitores nos últimos anos.”
- “Acho que não”
- “Sim, pois estão deixando os livros mais acessíveis, atrativos e visuais despertando o interesse dos leitores e aumentando a experiência de leitura através das ilustrações coloridas e dinâmicas”
- “Não, pois tem jovens que nem querem saber de ler”

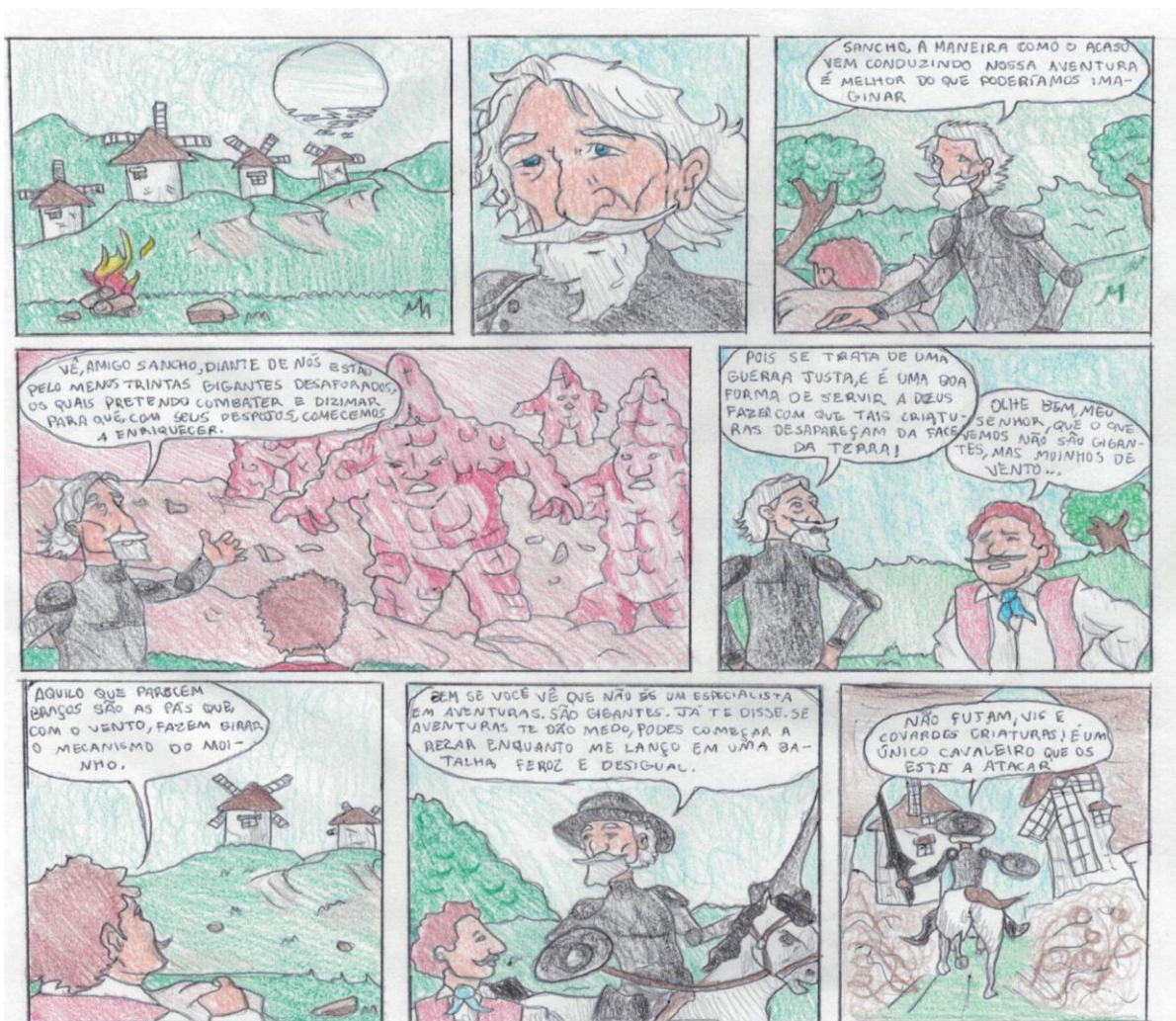
4- O incentivo à leitura, além de ser uma importante ação cultural, promove também a inclusão social e o desenvolvimento de novas ideias. A leitura em todas, as suas formas, é um passaporte para a sabedoria, é uma viagem sem limites. É ela que abre portas e janelas e nos faz crescer. **Deixe aqui uma mensagem sobre a importância da leitura na sua vida!!!**

- “A leitura tem um papel fundamental na minha vida, e eu adoraria compartilhar isso com você! Para mim, ler é como abrir uma porta para novos mundos. Cada livro é uma oportunidade de viver experiências diferentes, conhecer personagens fascinantes e explorar ideias que muitas vezes desafiam meu pensamento.”
- “A leitura é uma das ferramentas mais poderosas que temos para expandir nossos horizontes e enriquecer nossas vidas. Ela não apenas nos transporta para mundos diferentes, mas também nos permite entender melhor a nós mesmos e aos outros ao nosso redor.”
- “Ler te leva para várias cidades, países, continentes, te causa frios na barriga quando você está se aventurando entre as páginas de um livro e tudo isso ocorre com a leitura”
- “Aprendi mais conhecendo as histórias antigas em formas mais atraentes”

APÊNDICE B

HQs produzidas pelos alunos em sala de aula.

As atividades foram realizadas com turmas do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II.. Foram selecionadas as seguintes obras, em versões adaptadas para HQs: *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, e *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. As obras foram escolhidas tanto por sua relevância literária quanto pela disponibilidade de exemplares na biblioteca nas versões em quadrinhos com qualidade narrativa e visual.



PAG. 22

A PARTE QUE MAIS GOSTEI NO LIVRO DOM QUIXOTE É A BATALHA NOS MOINHOS DE VENTO. A AMIZADE ENTRE SANCHO PANÇA E DON QUIXOTE É UMA DAS COISAS MAIS MARCANTES NO LIVRO, POIS REPRESENTA UMA RELACÃO NO QUAL UM ENTÃO OS DOIS PENSAM GANHAR.

A Batalha nos moinhos de vento

pág. 23



PÁG. 23

LUVO O CONTIÇO



PAG: 67

A Ponto Que me roubo tanto foi, quanto João Romão tanto se livra de coisas boas e más



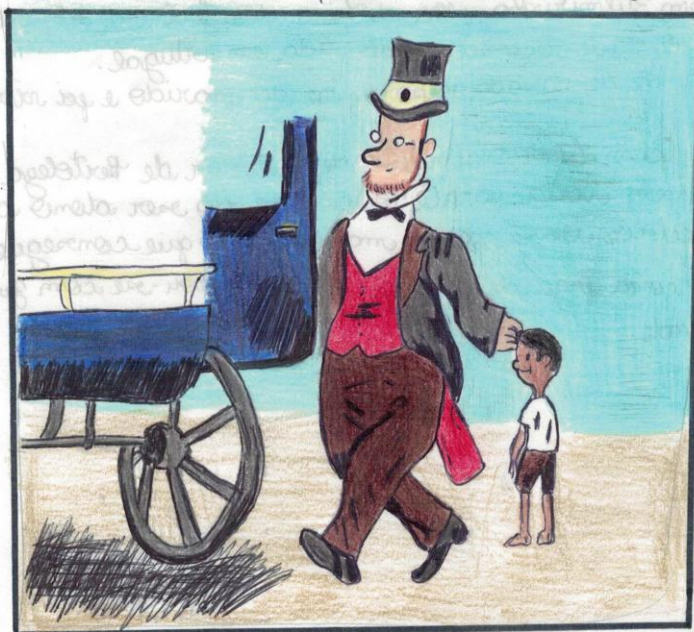
Atividade proposta: Elaborar um novo final para as personagens Bertoleza e João Romão

O final perfeito pra mim seria assim. O cortiço
Mais um dia normal e a rivalidade
entre João Romão e Miranda continua.
Dois dias depois do cortiço pegar fogo depois
de meses depois da reforma, João Romão
faz uma crueldade com Miranda.
Miranda quer se vingar, de passaram dias
e dias Miranda pensando em um plano
perfeito pra acabar com João Romão.
Miranda fica sem sono, sem dormir ele
passou em moto João Romão pra acabar
com essa rivalidade entre os dois.
Mais ele queria dar um jeito naquele
domem. Dois meses depois ele já tinha
certeza do que ele queria fazer. João
Romão não era o suficiente, o que ele
queria mesmo era deixar João Romão a
a falência de onde ele nunca deveria
ter saído, e ter construído aquilo
que ele chama de cortiço. Dois dias
depois ele pede uma pessoa pra coloca
fogo no cortiço novamente. e fim.

O CORTIÇO

ALVÍLIO AZEVEDO

Miranda depois de se tornar rico



PÁGINA 13

Pombinha: era a filha
do cortiço, todos gostava
muito dela.

Miranda rico negociante português
de Lisboa por atacado mudou-se
para o estrangeiro com sua mulher
e filha.

POMBINHA



PÁGINA 45

O CORTIÇO

ALVARO ASSUNÇÃO

Texto final para o livro O Cortiço

Depois do incêndio, o Cortiço meteu-se em obras. Piedade caiu doente, com febre de quarenta graus. Bruno e Leocádia voltaram a se entender.

João Romão construiu um sobrado, só com material de primeira.

Jerônimo deixou Piedade e foi embora com Rita. Piedade ficou com muito ressentimento e raiva, então foi embora com sua filha para Portugal. O Cortiço prosperou, e agora chama-se Avenida João Romão.

João Romão procurava uma saída. Já não queria ficar com Bertoleza.

Começou a se interessar em Zulmira, filha de Miranda. Jerônimo abraçava: agora vivia feliz com Rita. Piedade recomeçou sua vida em Portugal.

Zulmira, depois de 2 anos de casado, separou-se do marido e foi viver independente com sua mãe.

João Romão combinava com Libório um jeito de se livrar de Bertoleza.

No dia seguinte, um homem volta para o Cortiço, dizendo ser dono de Bertoleza. Bertoleza ao descobrir isso foge o mais rápido que consegue.

João Romão fica chocado com a fuga de Bertoleza. Romão casou-se com Zulmira e se tornou rico.



Diante de tudo que foi exposto e trabalhado, podemos observar que a utilização de histórias em quadrinhos como recurso didático na leitura de clássicos literários revelou-se uma prática inovadora e eficaz no processo de formação de leitores. Além de ampliar o repertório cultural dos alunos, contribuiu para o desenvolvimento de competências leitoras em múltiplas linguagens. A experiência demonstrou que o ensino de literatura pode e deve dialogar com suportes diversos, promovendo uma educação mais plural, acessível e conectada com os interesses dos estudantes.